

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Bolívar Andrade Lauda

Dilemas do audiovisual na Escola

Porto Alegre, 2017

Bolívar Andrade Lauda

Trabalho de Conclusão de Curso:

"Dilemas do audiovisual na Escola"

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Paola Zordan

Porto Alegre

2017

CIP - Catalogação na Publicação

Lauda, Bolívar Andrade
Dilemas do Audiovisual na Escola / Bolívar Andrade
Lauda. -- 2017.
82 f.
Orientadora: Paola Basso Menna Barreto Gomes
Zordan.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Licenciatura em Artes Visuais, Porto
Alegre, BR-RS, 2017.

1. Educação. 2. Audiovisual na escola. 3.
Experiência docente. I. Zordan, Paola Basso Menna
Barreto Gomes, orient. II. Título.

RESUMO

O presente trabalho apresenta o registro da imersão de um professor estagiário com experiência profissional no mercado audiovisual dentro do universo escolar, experimentando durante esse curto período, as responsabilidades, dificuldades, alegrias e frustrações da vida docente. Com a popularização das mídias digitais devemos considerar os meios audiovisuais como importantes ferramentas de comunicação e difusão de ideias consolidadas e em constante evolução. Grande parte dos conteúdos audiovisuais é acessível aos estudantes que frequentam as redes escolares através da internet e dispositivos móveis. Contudo, é importante ter em mente que o acesso desses jovens à tecnologia não se traduz diretamente na garantia de conhecimento técnico a partir de sua utilização cotidiana, como muitos poderiam supor. Muito menos em desenvolvimento de senso crítico frente à diversidade de possibilidades e informações presentes neste meio. Partindo destas premissas, me propus a trabalhar com o audiovisual em sala de aula, tendo como base seu planejamento e construção básicos.

A importância deste trabalho reside na busca de um processo de desmitificação da criação das peças fílmicas a partir de um projeto que visa propor conteúdos relativos à alfabetização audiovisual em uma turma dos anos finais do Ensino Fundamental. Busquei trabalhar o audiovisual na escola a partir de um viés crítico, procurando ensinar suas técnicas básicas de construção de modo a viabilizar autonomia de criação dos estudantes, tendo como objetivo final a produção de uma história original.

Palavras-chave: ensino de artes visuais; cinema; projeto educativo; audiovisual

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	07
2. O AUDIOVISUAL NA TURMA AMORA 2B.....	13
3. MEMORIAL.....	20
4. CONTEXTO DA ESCOLA E DA TURMA AMORA 2B DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DE PORTO ALEGRE (CAP).....	25
5. O PROJETO DE ENSINO.....	33
5.1. OS CONTEÚDOS PROPOSTOS PELO MEU PROJETO.....	34
5.1.1. TEMÁTICA PRINCIPAL.....	34
5.1.1.1. TEMÁTICAS SECUNDÁRIAS.....	34
5.1.1.2. TEMÁTICAS TRANSVERSAIS.....	34
6. DIÁRIO DAS AULAS – AMORA 2B.....	34
6.1. AULA 1: TIPOS DE AUDIOVISUAL E SEUS TEMAS.....	34
6.2. AULA 2: ROTEIRO I - IDEIA, ARGUMENTO E ROTEIRO.....	37
6.3. AULA 3: O VÍDEO, NOÇÕES DE ENQUADRAMENTO, COMPOSIÇÃO E ILUMINAÇÃO.....	47
6.4. AULA 4: O ÁUDIO - NOÇÕES SOBRE SOM AMBIENTE, TRILHA SONORA, EFEITOS DE SOM E VOZ.....	50
6.5. AULA 5: ROTEIRO II.....	53
6.6. AULA 6: CONTINUAÇÃO DA AULA 5.....	54
6.7. AULAS 7 E 8: CRIAÇÃO DO STORYBOARD.....	57
6.8. AULA 9: ELEMENTOS DA PRODUÇÃO - CENOGRAFIA/ FIGURINO/ LOCAÇÕES.....	62
6.9. AULA 10, 11, 12, 13 E 14: FILMAGENS.....	64
6.10. AULAS 15 E 16: EDIÇÃO I E II.....	69
6.11. AULA 17: FINALIZAÇÃO DO PROJETO.....	73
7. DILEMAS DE ESTÁGIO.....	77
8. CONCLUSÃO.....	78
9. REFERÊNCIAS.....	82

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1: Fachada do Colégio de Aplicação de Porto Alegre. Foto de Bolívar Lauda. Acervo Pessoal.....	26
IMAGENS 2 e 3: Visão do corredor e da Entrada e rampa de acesso. Fotos de Bolívar Lauda. Acervo Pessoal.....	27
IMAGENS 4 e 5: Visão da recepção e assistentes de alunos e visão do banheiro masculino. Fotos de Bolívar Lauda. Acervo Pessoal.....	27
IMAGEM 6: Visão da quadra de esportes aberta e, ao fundo, do campo de futebol. Foto de Bolívar Lauda. Acervo Pessoal.....	28
IMAGEM 7: Visão da quadra de esportes coberta e da rede de vôlei. Foto de Bolívar Lauda. Acervo Pessoal.....	28
IMAGEM 8: Saguão de entrada e mural de avisos. Foto de Bolívar Lauda, Acervo Pessoal.....	29
IMAGEM 9: Imagem da Sala da turma de Artes Visuais do ensino fundamental Amora. Foto de Bolívar Lauda. Acervo Pessoal.....	29
IMAGEM 10: Detalhe da sala da turma Amora – Pia. Foto de Bolívar Lauda. Acervo Pessoal.....	30
IMAGEM 11: Alunos da turma Amora trabalhando em sala de aula. Foto de Bolívar Lauda. Acervo Pessoal.....	30
IMAGENS 12 e 13: Produções em desenho de observação e pintura dos alunos da turma Amora. Foto de Bolívar Lauda. Acervo Pessoal.....	31
IMAGENS 14 e 15: Aluna da turma Amora em atividade de desenho de observação e Professora da Turma Amora orientando a atividade. Foto de Bolívar Lauda. Acervo Pessoal.....	32
IMAGENS 16 e 17: Alunos da turma Amora em sala de aula. Foto de Bolívar Lauda. Acervo Pessoal.....	32
IMAGENS 18 e 19: Aluno da turma amora realizando a atividade e alunos interagindo durante a atividade. Foto de Bolívar Lauda. Acervo Pessoal.....	33
IMAGEM 20: Fotografia “selfie” de alunos da turma Amora 2B do ensino fundamental do colégio de Aplicação de Porto Alegre/RS em atividade de construção do roteiro. Acervo pessoal.....	38
IMAGEM 21: Fotografia de alunos da turma Amora 2B do ensino fundamental do colégio de Aplicação de Porto Alegre/RS em atividade de construção do roteiro. Foto de um aluno. Acervo pessoal.....	39
IMAGEM 22: Fotografia de alunos da turma Amora 2B do ensino fundamental do colégio de Aplicação de Porto Alegre/RS em atividade de construção do roteiro. Foto de Bolívar Lauda. Acervo Pessoal.....	39
IMAGEM 23: Fotografia de um roteiro escrito por um dos estudantes da turma Amora 2B do ensino fundamental do colégio de Aplicação de Porto Alegre/RS em atividade de construção do roteiro. Foto de Bolívar Lauda. Acervo Pessoal.....	45
IMAGEM 24: Fotografia de um roteiro escrito por um dos estudantes da turma Amora 2B do ensino fundamental do colégio de Aplicação de Porto Alegre/RS em atividade de construção do roteiro. Foto de Bolívar Lauda. Acervo Pessoal.....	46

IMAGEM 25: Fotografia da turma Amora 2B do ensino fundamental do colégio de Aplicação de Porto Alegre/RS em atividade de vídeo: noções de enquadramento e composição. Foto de Bolívar Lauda. Acervo Pessoal.....	49
IMAGEM 26: Fotografia da turma Amora 2B do ensino fundamental do colégio de Aplicação de Porto Alegre/RS em atividade de vídeo: noções de enquadramento e composição. Foto de Bolívar Lauda. Acervo Pessoal.....	50
IMAGENS 27: Fotografias da turma Amora 2B do ensino fundamental do Colégio de Aplicação de Porto Alegre/RS em atividade de Roteiro II: criação dos grupos de trabalho. Foto de Bolívar Lauda. Acervo Pessoal.....	55
IMAGENS 28: Fotografias da turma Amora 2B do ensino fundamental do Colégio de Aplicação de Porto Alegre/RS em atividade de Roteiro II: criação dos grupos de trabalho. Foto de Bolívar Lauda. Acervo Pessoal.....	55
IMAGENS 29, 30 e 31: Fotografias do trabalho de alunos da turma Amora 2B do ensino fundamental do Colégio de Aplicação de Porto Alegre/RS em atividade de storyboard. Foto de Bolívar Lauda. Acervo Pessoal.....	59
IMAGENS 32 e 33: Fotografias do trabalho de alunos da turma Amora 2B do ensino fundamental do Colégio de Aplicação de Porto Alegre/RS em atividade de storyboard. Foto de Bolívar Lauda. Acervo Pessoal.....	60
IMAGENS 34 e 35: Fotografias do trabalho de alunos da turma Amora 2B do ensino fundamental do Colégio de Aplicação de Porto Alegre/RS em atividade de storyboard. Foto de Bolívar Lauda. Acervo Pessoal.....	61
IMAGENS 36 e 37: Fotografias da divisão de funções para as filmagens dos alunos da turma Amora 2B do ensino fundamental do Colégio de Aplicação de Porto Alegre/RS. Foto de Bolívar Lauda. Acervo Pessoal.....	64
IMAGEM 38: Fotografia da divisão de funções para as filmagens dos alunos da turma Amora 2B do ensino fundamental do Colégio de Aplicação de Porto Alegre/RS. Foto de Bolívar Lauda. Acervo Pessoal.....	66
IMAGEM 39: Fotografia do laboratório de informática utilizado para as aulas de edição e finalização dos vídeos executados pelos alunos da turma Amora 2B do ensino fundamental do Colégio de Aplicação de Porto Alegre/RS. Foto de Bolívar Lauda. Acervo Pessoal.....	70
IMAGEM 40: Fotografia do laboratório de informática utilizado para as aulas de edição e finalização dos vídeos executados pelos alunos da turma Amora 2B do ensino fundamental do Colégio de Aplicação de Porto Alegre/RS. Foto de Bolívar Lauda. Acervo Pessoal.....	71
IMAGEM 41: Fotografia do laboratório de informática utilizado para as aulas de edição e finalização dos vídeos executados pelos alunos da turma Amora 2B do ensino fundamental do Colégio de Aplicação de Porto Alegre/RS. Foto de Bolívar Lauda. Acervo Pessoal.....	73
IMAGEM 42: Fotografia corredor da escola que dá acesso ao laboratório de informática, turma Amora 2B do ensino fundamental do Colégio de Aplicação de Porto Alegre/RS. Foto de Bolívar Lauda. Acervo Pessoal.....	74
IMAGEM 43: Fotografia produzida durante a aula 7 da turma amora 2b, introdução ao storyboard, ano 2016. Foto de Bolívar Lauda. Acervo Pessoal.....	78
IMAGEM 44: Fotografia de bilhete de permissão de entrada em sala de aula com atraso, turma Amora 2b, ano 2016. Foto de Bolívar Lauda. Acervo Pessoal.....	79

1. INTRODUÇÃO

Não podemos esquecer que a escola faz parte da sociedade. Ela não é uma ilha de pureza da qual as contradições e os antagonismos de classe não penetram. Numa sociedade de classes toda a educação é classista. E na ordem classista, educar, no único sentido aceitável, significa conscientizar e lutar contra essa ordem, subvertê-la.
(GADOTTI, 1984 p.7)

Primeiramente, fora Temer! Fora PEC 55, fora escola com mordaza, reforma do Ensino Médio, as mudanças da base comum curricular e tantas outras perdas políticas na educação que nos atropelaram nestes ano de 2016 e 2017. No meu modo de pensar é impossível desvincular a posição ideológica de um professor da sua atuação em sala de aula e da sua prática pedagógica.

Não podemos ignorar ou nos calar frente aos últimos acontecimentos nas políticas de educação nacionais e regionais. No país das grandes contradições, onde os grandes empresários, que representam em sua maioria, a maior parte da sonegação de impostos nacional, têm suas dívidas perdoadas e os professores estaduais da rede pública têm seus míseros salários parcelados. Na república onde jogadores de futebol são heróis da nação, referências a serem seguidas, estimuladas pelos grandes meios de comunicação independentemente da sua conduta ética ou de suas contribuições sociais, temos de ter muito claras nossas convicções políticas, mesmo que elas possam por vezes divergir da direção da escola, de alguns pais e estudantes ou ainda que nos custe o sono e nos renda agressões verbais e perseguições em redes sociais.

É fundamental, mesmo com todas as dificuldades e retrocessos pelos quais estamos passando no atual contexto macropolítico, que sejamos críticos e questionemos os aparelhos ideológicos e sociais nos quais estamos inseridos e que fazem parte do nosso cotidiano. Em uma sociedade globalizada e dependente de um sistema econômico capitalista, as formas de lucrar estão muitas vezes acima de qualquer preceito moral ou ético e os meios audiovisuais podem representar uma forma eficaz de manutenção dos ideais dos grupos poderosos da comunicação, grandes empresários donos do capital

financeiro que movem a economia, a política e conseqüentemente, acabam interferindo também na educação.

Seja através de filmes publicitários que vendem sonhos e *status* disfarçados de cosméticos, roupas, carros, eletrônicos, imóveis, entre outros, ou de parte da indústria cinematográfica *mainstream*, que por sua vez, se estrutura na construção e posterior manutenção de clichês e estereótipos e que nos sugerem sutilmente modos de operar e agir diante do mundo no qual vivemos.

Neste imenso mercado de produtos à venda onde somos constantemente estimulados a consumir não deve haver muito espaço para a reflexão e a crítica. Dentro deste contexto, a Arte, assim como os meios audiovisuais, podem ser utilizados como instrumentos de propagação e manutenção desta lógica mercadológica, servindo simplesmente como mais um produto de consumo, ou por outro lado, como meios de estímulo à reflexão a partir da proposição de contrapontos e crítica deste complexo sistema.

Sobre as complexas intersecções da arte, da mídia e da educação, faz-se necessário problematizar as estratégias teóricas relativas à formação visual que se articulam ao fato do imaginário contemporâneo ser calcado no consumo (ZORDAN, 2002 p.1).

Acredito que como professores devemos estimular a permanente dúvida em relação aos padrões de comportamento e de pensamento estabelecidos pelas instituições de poder. Por eu ser um profissional que se encontra entre o audiovisual e a Arte, prestes a completar minha formação acadêmica em licenciatura e, ao mesmo tempo, trabalhar no mercado audiovisual gaúcho, vejo a necessidade de um contraponto de viés crítico dentro da escola que proporcione um olhar mais pragmático e menos romântico sobre as mídias e produtos audiovisuais aos quais os estudantes têm acesso a partir das diversas mídias.

Dentre estas, gostaria de destacar a televisão que utiliza-se de uma grande variedade de canais de transmissão em rede aberta e a cabo. Mesmo com todo o desenvolvimento e abrangência da internet e com a popularização de dispositivos móveis que possibilitem o acesso a diversas plataformas que tem no vídeo sua principal ferramenta, a TV ainda representa um veículo

audiovisual muito presente no cotidiano dos jovens, seja através de telejornais ou telenovelas, dos programas destinados especificamente ao público infantil e infantojuvenil, presentes nas suas residências.

A televisão, no caso das grandes emissoras, se tornou um meio de propagação de ideias através de telejornais que muitas vezes favorecem determinadas correntes políticas e financeiras, normalmente alinhadas ideologicamente com as empresas que os patrocinam, abdicando da esperada imparcialidade jornalística em prol de benefícios próprios.

Algumas emissoras, por exemplo, tem como proprietários donos de igrejas evangélicas neopentecostais, apoiados pela bancada evangélica do parlamento nacional, que possui entre seus representantes alguns pastores. Especializadas em promover politicamente a imagem de seus pastores, explorar financeiramente seus fiéis, aumentam seus rebanhos a partir de encenações absurdas, simulações de possessões demoníacas, da leitura equivocada ou por vezes completamente literal da Bíblia, transmitidas ao vivo pelo meio de comunicação mais popular entre os brasileiros.

Além de misturar obscenamente política e religião ao levar a “palavra de Deus” distorcida ou mal interpretada, muitas vezes difamando e criminalizando outras religiões, com especial atenção às de matriz africana por exemplo, a tv pode ser utilizada de maneira a exercer influências, estimulando a disseminação de uma ideologia conservadora e autoritária que promove práticas violentas e preconceituosas contra minorias sociais, religiosas, de gênero e étnicas.

Desejaria, então, desmontar uma série de mecanismos que fazem com que a televisão exerça uma forma particularmente perniciosa de violência simbólica. A violência simbólica é uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que sofrem e também, com frequência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou sofrê-la. (BOURDIEU, 1997, p. 22)

Além de presente na tv, a violência simbólica ao qual o sociólogo francês se refere é reproduzida nos outros meios audiovisuais, tendo sua lógica presente nas diversas mídias às quais temos acesso. Podemos constatar esta afirmação a partir da representatividade da grande maioria dos protagonistas de séries ou filmes por exemplo, em sua maioria homens

brancos, oriundos de classes sociais abastadas, bem sucedidos financeiramente e socialmente. Realidade bem distante da maioria da população brasileira.

Posso citar também, a hipersexualização e objetificação da figura da mulher nas propagandas direcionadas ao público masculino, a representação normalmente caricata de figuras da comunidade LGBTT, no branqueamento da figura das mulheres e homens negros ou ainda no olhar preconceituoso atribuído aos seus personagens ao ocupar normalmente cargos e funções de menor importância dentro da hierarquia profissional e terem sua imagem associada a marginais ou vilões.

Permeada por diversos preconceitos, propagando uma visão de superioridade de raça, estimulando a manutenção de uma sociedade androcêntrica, grande parte do conteúdo audiovisual acessível a maior parte da população acaba por reduzir a possibilidade de construção e entendimento de subjetividades humanas, tão diversas no seu conteúdo e na sua forma.

...conclui-se que uma imaginação arraigada a modelos constitutivos demasiadamente padronizados limita às possibilidades expressivas dos sujeitos, cuja forte referência a determinados tipos de representação impossibilita a criação singular de formas nunca antes imaginadas (ZORDAN, 2002, p. 4).

O fracionamento da multiplicidade de personalidades dos seres humanos reduzidas a estereótipos maquia a distância entre o real e o imaginário na medida em que a maioria das pessoas, apesar de muitas vezes se identificar com o conteúdo que assiste nas diversas telas, não é verdadeiramente representada através da imagem que vê. Mesmo quando criam algum tipo de identificação, os padrões normativos são inviáveis ou muito distantes de serem atingidos, sejam eles sociais, étnicos ou de gênero.

Outro elemento importante relacionado a produção de conteúdo audiovisual que corrobora com as afirmações anteriores, são seus recursos técnicos exacerbados, tais como: o excesso de maquiagem, os caros figurinos deslumbrantes, o ângulo favorável de câmera e a objetiva que mais favorece o ator ou os processos de edição e recursos de pós produção que

redimensionam figuras humanas, mudam tons de pele e a estrutura do rosto e do corpo de modelos.

Quando avaliamos o conteúdo das histórias e dos roteiros de boa parte dos filmes comerciais produzidos industrialmente em hollywood por exemplo, notamos que, em grande parte das vezes, são peças completamente previsíveis que não deixam margem para a criatividade ou imaginação do espectador, onde antes mesmos de entrarmos no cinema, já sabemos o rumo que a narrativa irá tomar e como a história irá acabar, gerando no espectador uma sensação de segurança ao abdicar do desconforto da dúvida e da infinidade de possibilidades que uma história menos previsível poderia proporcionar.

Tal como o leitor pueril que, ao ler um romance de aventuras narrado na primeira pessoa, se sente, de antemão sossegado por não ir acontecer nada ao herói, pois, caso contrário, não teria podido contar sua história, assim sucede, em certa medida, com aquele que assiste à projeção de um romance fotografado (ADORNO, p. 68).

O filósofo alemão da escola de Frankfurt Theodor Adorno, em meados do século XX, ao criticar a indústria cultural cita como características recorrentes na construção de produtos da cultura massificada, ao se referir ao cinema, atrativos como estímulo à curiosidade, o virtuosismo técnico, a violência, a imitação e a repetição como artifícios de convencimento do público. O que proporciona uma fórmula ao produto cultural, um esquema que se repete sistematicamente, muitas vezes independente do gênero, e facilita a compreensão do espectador sem que sejam necessários grandes esforços cognitivos ou reflexão em torno do assunto.

A obviedade que se confere na referida fórmula proporciona ao espectador uma posição cômoda e passiva ao não ter grandes surpresas, o que por outro lado, lhe priva de articular o pensamento para além do que já está dado, impossibilitando a ampliação de suas subjetividades.

Obviamente, os meios por si não são o problema, não são os vilões. Nem o cinema, nem a televisão, o rádio, ou mais recentemente, a internet podem são responsabilizados por um empobrecimento ou uma vulgarização do conteúdo por eles difundidos. As fórmulas criadas vendem muito bem, ou seja, são muito bem aceitas pelo público.

Por outro lado, mesmo sendo parte da minoria do conteúdo, existem exemplos de programação altamente instrutiva e positiva na televisão, exemplos de canais voltados à cultura e educação, alguns com telecursos, videoaulas, tratando de política, ecologia, etc.

Além disso, também podemos assistir, principalmente em circuitos alternativos de cinema, muitos filmes de conteúdo consistente e com viés crítico, que nos propõem as mais diversas reflexões e questionamentos em relação a assuntos tão relevantes como arte, política, sociologia e filosofia, ecologia, discussões a respeito de gênero, racismo e muitos outros temas, entre documentários e ficções.

Devo citar aqui também as plataformas com os mais diferentes canais que utilizam os meios audiovisuais com grande liberdade e criatividade na internet, proporcionando conteúdo variado e rico acessível a quem tiver a oportunidade de encontrá-los em meio à sua brutal diversidade.

Um ótimo exemplo é a plataforma *Libreflix*, uma plataforma de streaming aberta e colaborativa que reúne produções audiovisuais independentes. “Os criadores do projeto defendem novas formas de compartilhamento da cultura. Formas que atinjam todas as pessoas, principalmente as que não podem pagar por ela” (COSTA, 2017).

Nos sites mais conhecidos como o *youtube* e o *vimeo* também encontramos filmes de gênero de diversas partes do mundo, documentários, clássicos do cinema mundial com livre acesso, alguns inclusive, legendados. Além disso, podemos ter acesso a tutoriais diversos, de como costurar uma meia até como construir aviões, passando por *vlogs* de maquiagem, fotografia, moda, games, etc.

O que por um lado pode gerar uma revolução nos processos educativos, oportunizando o surgimento de indivíduos completamente autodidatas a partir da maior facilidade de circulação informações diversas para pessoas que antes da internet não poderiam ter acesso a estes conteúdos, por outro, acaba gerando dúvidas em professores e, por muitas vezes, não se adequando ao formato da escola tradicional.

Consciente das características e potencial criativo do audiovisual presentes nos diversos meios de comunicação e conhecendo sua capacidade de influenciar opiniões ao ser massificado e difundido, acredito que seja fundamental a existência de uma disciplina escolar que trate das possibilidades técnicas e teóricas presentes neste meio interdisciplinar por natureza. Que possa viabilizar também, além do acesso ao seus conhecimentos técnicos específicos, reflexões e discussões a respeito da qualidade do conteúdo que consumimos e como podemos utilizá-lo de maneira consciente.

2. O AUDIOVISUAL NA TURMA AMORA 2B

O presente trabalho visa discorrer sobre a experiência do audiovisual dentro da escola a partir da prática de um professor estagiário, levando em conta sua carga horária reduzida, pouca experiência como profissional da educação formal e suas relações com os conteúdos técnicos e estéticos das Artes Visuais, curso de origem do licenciando. A cada aula descrita neste trabalho apresento dilemas referentes às práticas cotidianas escolares, relatando as dificuldades, as frustrações e as boas experiências dentro da escola e da sala de aula. E, principalmente, a relação de ensino e aprendizado com os estudantes, seu interesse ou não em desenvolver as atividades propostas, suas relações e proximidades com os elementos teóricos e práticos do audiovisual.

Fiz o estágio em duas turmas diferentes, uma de Ensino Médio e outra de Ensino Fundamental, para completar a carga horária necessária para minha formação. Na primeira, dei continuidade ao plano de aulas já estabelecido pela professora titular, Simone Fogazzi, que tratava de questões relativas à Arte Contemporânea e apenas tangenciava temas do audiovisual, os relegando a segundo plano.

Na turma de Ensino Fundamental de anos finais, sobre a qual desenvolvo o presente trabalho, denominada no Colégio de Aplicação como Amora 2B, correspondendo ao 7º ano, decidi em conjunto com as professoras

titulares da turma de Artes Visuais e Teatro, trabalhar o audiovisual como tema principal do meu estágio.

“É necessário construir para depois desconstruir o audiovisual”, frase dita pela professora de Teatro Mônica Bonatto na entrevista que fiz com as professoras de Teatro e Artes, durante o semestre de observação, ao se referir a à possibilidade de trabalho audiovisual na turma Amora 2B.

A partir da entrevista gravada em vídeo,¹ também foi constatada a existência de uma lacuna no conhecimento técnico básico dos estudantes sobre o universo de possibilidades e características das imagens e sons como um meio de expressão artística e comunicação. Além da necessidade de sua desmitificação a partir da sua desconstrução, também foi relatada a ausência de questionamento de clichês e estereótipos pelos quais somos todos influenciados direta ou indiretamente pela indústria cultural e que se repetem dia após dia nos diferentes gêneros audiovisuais.

A referida construção e posterior desconstrução do audiovisual, passa por algumas etapas, entre elas o conhecimento da linguagem e terminologias específicas deste meio. Então seria preciso explicar para os estudantes o que é um fotograma, que uma gravação normalmente acontece a 24 ou 30 fotos por segundo, o que é uma tomada de câmera, um plano, uma sequência e uma cena, ou seja, trabalhar com os elementos técnicos básicos da alfabetização audiovisual que possibilitassem a nossa comunicação durante o trimestre de estágio docente, favorecendo o andamento do meu projeto.

A construção de uma peça audiovisual, seja ela publicitária, institucional, de ficção ou documental, exige um planejamento, uma ideia que pode nascer de um livro, um sonho, uma experiência pessoal, que posteriormente irá se transformar em um argumento.

Este, por sua vez, se transformará em um roteiro, este roteiro escrito irá proporcionar o desenvolvimento de mais algumas etapas do processo e que, normalmente, não se encontram dentro do currículo escolar formal, podendo até aparecerem em aulas específicas, utilizados como complemento de disciplinas formais. Por outro lado, estão no cotidiano dos estudantes na sua

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V6g4isA7kSA&t=6s>

vida prática, a partir de conteúdos de informação e entretenimento como telejornais, séries, animações, telenovelas, filmes e *making offs*, disponíveis na tv aberta, a cabo ou na internet.

As etapas seguintes à construção do roteiro compreendem o que chamamos de pré produção dentro do audiovisual. Envolve a criação do *storyboard*, espécie de história em quadrinhos com alguns enquadramentos de referência que serão gravados, a aquisição e produção de objetos, figurinos e adereços, visita e estudo dos locais a serem filmados, ensaios de atores, entre outras.

Logo em seguida, normalmente a parte mais atraente e lúdica do processo de execução de um filme, a produção. O que chamamos de produção consiste basicamente na gravação e na logística envolvida no evento. Iluminação, direção dos atores, captação de som, posicionamento e movimentos de câmera, organização do set de filmagem.

A próxima etapa é a pós produção, processo de edição de sons e imagens conteúdo filmado, escolha das melhores tomadas de cada plano para a construção das cenas, tratamento de cor das imagens, além da seleção e inclusão de trilhas musicais, efeitos, além de legendas, locuções, créditos e da promoção e divulgação do conteúdo.

Minha ideia nunca foi transformar estudantes de 11 a 13 anos em especialistas em apenas um trimestre de aula, mas sim despertar sua curiosidade e buscar exercitar sua criatividade ao contar e construir histórias a partir de imagens e sons, conscientizá-los que a construção de uma peça audiovisual é um processo que envolve trabalho, dedicação e bastante organização.

Por outro lado, acredito que o processo de criação no audiovisual pode ser muito lúdico e atrativo pela sua dinâmica, além da riqueza dos elementos técnicos e formais que o compõem, transformando-o em um instrumento pedagógico de grande potencial educativo.

No seu primeiro filme possivelmente ninguém será profissional. Toda a turma será muito jovem e amadora. Seu primeiro desafio será chamar essa turma de equipe, depois que houver uma divisão de funções e responsabilidades. De qualquer maneira, ninguém vai trabalhar por dinheiro, e sim pelo prazer de fazer cinema. Talvez alguns já pensem em se

profissionalizar, e, se o seu primeiro filme ficar bom, mais tarde vai ser bacana incluí-lo no currículo. É um lucro indireto bem interessante. De qualquer modo, é importante que todos – os que estão simplesmente brincando de fazer cinema e os que pretendem seguir carreira – trabalhem pelo sucesso do filme (GERBASE, 2012, p. 40).

Resolvi transformar estas etapas em um projeto pedagógico. Este processo que pode parecer óbvio para os iniciados, não é tão claro para os estudantes, e foi sobre ele que me debrucei para desenvolver as atividades práticas de sala de aula. Cada etapa representa uma ou mais aulas referentes ao meu projeto de ensino.

Aliada aos conhecimentos técnicos relativos a imagens e sons, foi detectada a necessidade de se incluir o uso do aparelho celular e sua câmera de maneira positiva no contexto de sala de aula, no dia a dia dos estudantes como uma ferramenta didática. Esse aparelho, que normalmente gera problemas na sala de aula por estar muito presente no cotidiano dos estudantes e, por vezes, monopolizar suas atenções, além distraí-los dos conteúdos ensinados em sala de aula, poderia se tornar um aliado na construção e realização do meu projeto não só pela utilização da câmera do aparelho, mas como uma ferramenta de comunicação através das redes sociais e da possível utilização de aplicativos relacionados à produção audiovisual.

Esta era a ideia inicial, dar subsídios aos estudantes para observarem com mais cuidado os meios audiovisuais que fazem parte de suas rotinas e entender seu processo de criação, para, a partir de suas reflexões e referências, produzirem os seus filmes com as câmeras dos próprios aparelhos celulares a partir de aulas práticas e teóricas.

É importante ressaltar que este projeto só se tornou viável pelo trabalho interdisciplinar que pude fazer junto com a professora de Teatro Mônica Bonatto, que aceitou o desafio de trabalharmos juntos para a construção de aulas que aconteceram, por vezes paralelamente, em outras simultaneamente, em períodos variados. Em determinados momentos nós dois estávamos presentes com toda a turma, em outros, dávamos aulas distintas e em turmas separadas. Enquanto ela preparava os estudantes para a sua

atuação diante das câmeras através de exercícios corporais e ensaios dos textos eu os preparava tecnicamente para a construção do seu filme autoral.

O meu TCC se debruça sobre a minha experiência de estágio docente, com foco na sua segunda etapa a partir de relatos e impressões das aulas com a Turma de Ensino Fundamental de 7ºano (Amora 2B), pertencente ao projeto Amora do Colégio de Aplicação da UFRGS (CAP) que tem como professora titular das Artes Visuais Aline Becker.

No decorrer do processo da segunda etapa do estágio docente, após a elaboração do projeto de ensino e do plano de aulas, acabei me deparando com as dificuldades da realidade diária da sala de aula. Obviamente, dentro da própria universidade, já havia refletido sobre as contradições que muitas vezes separam os referenciais pedagógicos e educativos da faculdade e a realidade escolar.

Dentro da escola, vivenciando o dia a dia da sala de aula é que podemos entender a sua complexa rede de necessidades e carências, sua estrutura física, a sua organização política, recursos humanos e suas relações interpessoais e como estas variáveis podem interferir na qualidade das aulas.

Na disciplinas de estágio I e II, ministrada pela professora Luciana Gruppelli Loponte, ela nos incentivou a registrar em diário o cotidiano das observações as reflexões do primeiro e do segundo semestre docente, a partir destas, criei um diário virtual no TUMBLR² que serve como referência de parte significativa da construção do presente TCC.

A partir destes relatos e anotações deveríamos pensar os problemas de sala de aula como dilemas, com a intenção de problematizá-los, procurar buscar recursos teóricos e pensar alternativas e soluções para as dificuldades que encontrássemos dentro da prática docente. Os maiores dilemas encontrados no meu estágio estão longe de ser originais, se assemelham muito às queixas e dúvidas da maioria dos professores da escola básica e incluem minha inexperiência como professor, a falta de sentido entre as disciplinas escolares e a vida prática relatada pelos estudantes, a dificuldade em envolver

² <https://www.tumblr.com/blog/bolivarestagiodocente>

a turma nas atividades propostas, falta de interesse e vontade de trabalhar de alguns estudantes.

Poderíamos imaginar que ao tratar de um conteúdo pouco comum dentro do universo escolar, teoricamente muito atraente para os jovens, e que de certa maneira faz parte de seu cotidiano principalmente através da utilização das redes sociais e internet, eu tenha tido mais facilidades como professor. Em um primeiro momento os estudantes criaram grande expectativa e curiosidade em relação ao assunto, porém, poucas semanas depois, quando comecei a executar meu projeto de ensino, nem todas as aulas pareceram tão atrativas aos olhos dos estudantes e logo surgiram problemas como a falta de atenção, preguiça e desinteresse por parte de alguns.

As dificuldades do cotidiano escolar, aliadas às observações e ao diário digital que construí durante as disciplinas de estágio a partir da sugestão da professora Luciana Loponte, me fizeram refletir sobre a efetividade da escola como instituição de ensino, ratificando discussões anteriores nas aulas da universidade e sobre a influência de seus elementos internos e externos.

Dentro da escola se pode vivenciar e sentir sua estrutura física, o formato das aulas e sua duração, como a divisão dos conteúdos em disciplinas implica na divisão do conhecimento em fatias, as principais causas de conflitos entre docentes e direção, dificuldades de relacionamento entre estudantes, a pressão que sofrem os dirigentes da escola dos gestores da educação, as políticas internas da escola e suas estruturas de controle, entre outros. Além disso, creio que o maior dilema seja uma auto crítica. A minha falta de preparo e formação para lidar com situações inesperadas ou fora do previsto dentro do plano de aulas foram determinantes para meu desempenho como professor.

O inesperado surpreende-nos. É que nos instalamos de maneira segura em nossas teorias e idéias, e estas não têm estrutura para acolher o novo. Entretanto, o novo brota sem parar. Não podemos jamais prever como se apresentará, mas deve-se esperar sua chegada, ou seja, esperar o inesperado. E quando o inesperado se manifesta, é preciso ser capaz de rever nossas teorias e idéias, em vez de deixar o fato novo entrar à força na teoria incapaz de recebê-lo. (MORIN, 2000, p. 30)

Cada sala de aula é um universo particular, com uma grande variedade de acontecimentos e conflitos latentes, ou seja, prestes a acontecer. Pessoas oriundas de diversas formações e vivências distintas que convivem diariamente, de segunda à sexta-feira, durante nove meses do ano, com personalidades e ideias próprias, com seus humores, amores e problemas pessoais.

É extremamente compreensível que estes indivíduos nem sempre estejam dispostos a se envolver em atividades que o professor, a instituição ou o ministério da educação julgam ser as mais adequadas para eles. Muitas vezes ignorando ou desconhecendo seus gostos pessoais, aptidões, estados de espírito e físico. Por outro lado, dentro deste contexto, o professor é aquela pessoa que está entre os estudantes e frente a estes, representa a instituição, e mesmo que não seja ideologicamente alinhado com as políticas adotadas pela escola específica na qual leciona, precisa cumprir seu plano de aula, determinar tarefas controlar a disciplina dos estudantes dando andamento naquele processo de ensino pelo qual é responsável.

Apesar do ótimo trabalho executado pela professora Luciana Gruppelli Loponte ao preparar-nos às práticas do estágio docente a partir da utilização de diferentes ferramentas pedagógicas, promovendo discussões teóricas baseadas em textos de educadores e pensadores da educação, propondo exercícios que simulassem uma sala de aula e suas eventuais situações inesperadas, como por exemplo, conflitos com estudantes, eventuais dúvidas e questionamentos dos estudantes que não soubéssemos responder na hora ou desatenção e euforia da turma, a realidade da sala de aula e de cada turma é única e cada dia de trabalho depende de muitos fatores alheios a nossa vontade e planejamento anteriores.

É importante mencionar novamente a entrevista gravada em vídeo com as professoras titulares das disciplinas de Teatro e Artes Visuais do Colégio de Aplicação, feita no primeiro semestre de estágio onde ambas enfatizam a importância da prática docente na formação universitária através do PIBID³

³ O programa oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais que se dediquem ao estágio nas escolas públicas e que, quando graduados, se comprometam com o exercício do magistério na rede pública. O objetivo é antecipar o vínculo entre os futuros

(Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência). Na entrevista gravada, as professoras destacam a importância das experiências vividas e proporcionadas aos professores em formação a partir do programa e como este os ajudou a aliar as informações teóricas da universidade à prática de sala de aula.

Um aspecto que chama a atenção é que, apesar da importância que se confere à formação, que se supõe ser feita para favorecer a aprendizagem dos docentes, de forma a melhorar a qualidade do ensino e da educação dos alunos, o que ocorre, como manifestei em outro trabalho (Hernández, 1996- 97), é que se dá mais importância às propostas de formação do que à maneira como os professores aprendem (ou não), o que me leva a colocar o que entendo por aprendizagem: alguém aprende quando está em condições de transferir a uma nova situação (por exemplo, à prática docente) o que conheceu em uma situação de formação, seja de maneira institucionalizada, nas trocas com os colegas, em situações não-formais e em experiências da vida diária. (HERNANDEZ, 1998, p. 1)

3. MEMORIAL

Para o set funcionar e não ficar todo mundo batendo cabeça, é preciso saber quais as funções de cada um na equipe. Para quem não é de cinema, essas funções são misteriosas; e se essa pessoa estrangeira chegasse a um set de filmagem, nunca perceberia quem está fazendo o quê. Se ao fim de um certo tempo é possível identificar funções e hierarquias em uma equipe, as atribuições de cada um, no entanto, nunca ficarão claras. Sempre será possível tentar identificar equivalências com outras profissões, como acontece com generais ou sargentos num exército, ou médicos e enfermeiras numa sala de operações. Se isso, porém, é o suficiente para se ler e entender um romance, não é o bastante para se comandar um exército ou cortar uma barriga com um bisturi. É nas minúcias que está o interesse e a necessidade de saber as funções de cada um, pois só assim a coisa anda e o filme fica pronto. (MOURA, 2001, p. 205)

Sou formado como Bacharel em Artes visuais pela UFRGS, com um trabalho poético em videoarte. Além disso, fiz extensão em audiovisual na ESPM e atualmente trabalho como diretor de fotografia e fotógrafo autônomo no mercado audiovisual. Publicidade, produção de conteúdo e materiais

mestres e as salas de aula da rede pública. Com essa iniciativa, o Pibid faz uma articulação entre a educação superior (por meio das licenciaturas), a escola e os sistemas estaduais e municipais.

audiovisuais para divulgação de grupos de artistas são alguns dos meus meios de atuação.

Até então, minha experiência docente se restringia ao ensino de fotografia e de iluminação a partir de oficinas, cursos e workshops com público um pouco mais velho, além de monitorias na disciplina de *Ensino e Identidade Docente* com a professora Marie Jane Soares Carvalho, coordenadora do FORPROF, além de ter ministrado um curso de férias de iluminação básica pela ESPM/POA.

Na universidade estou cursando Licenciatura em Artes Visuais e fui bolsista de pesquisa no Centro de Formação de Professores – FORPROF, contribuindo na produção de vídeos sobre a trajetória de professores da escola básica e suas experiências nas escolas onde atuam.⁴ Já trabalhei em diversos lugares, fiz muitas coisas distintas. De vendedor em lojas de comércio de roupas, funcionário de estúdio cinematográfico, modelo, a profissional da imagem em audiovisual. Nesta última, passei por várias etapas, desde varrer chão de estúdios até fotografar.

Nestes anos de experiências práticas no mercado de produção de conteúdo audiovisual uma das coisas que mais me chamou atenção foi entender e admirar a diversidade de recursos humanos que as equipes de produção necessitam para executar uma obra fílmica. Há uma diversidade de profissionais, com formações acadêmica e técnica distintas, executando tarefas das mais variadas com um objetivo comum, produzir uma peça audiovisual.

Muitos diretores de cena são formados em universidades, em cursos como cinema, publicidade ou jornalismo, por exemplo. Boa parte dos diretores de Arte tem os pré-requisitos básicos da função supridos pelo curso de arquitetura, e normalmente sua formação é nesta área, alguns podem ser autodidatas, outros são oriundos da cenografia.

Os diretores de fotografia tem uma diversidade grande de cursos na sua formação, alguns são formados em cursos de cinema ou Artes Visuais, outros, assim como os diretores de Arte, em Arquitetura, além uma infinidade de cursos técnicos e cursos superiores com formação específica na área de

⁴ "Série Docentes": <https://goo.gl/ZRhXN6>

fotografia em outros países, como Cuba, Argentina, Estados Unidos, entre outros.

Não posso deixar de mencionar também a grande quantidade de profissionais completamente autodidatas nessa área. Muitas vezes, o próprio mercado, através das produtoras audiovisuais e dos profissionais que dele fazem parte, acabam por proporcionar meios de formação informal e não formal dos recursos humanos especializados neste nicho. Muitas das funções dos profissionais que atuam no audiovisual não tinham, até pouco tempo atrás (e em alguns lugares continuam não tendo), formação acadêmica ou técnica institucionalizada específicas. Muitos profissionais experientes, entre eles vários autodidatas, acabam fazendo a função de professores das sucessivas novas gerações que vão chegando e se alternando com o passar dos anos nas diferentes funções.

Existem várias maneiras de aprender a profissão. Nas escolas e na prática. Nas escolas, aprende-se de tudo um pouco e fica-se conhecendo quem estará na profissão no futuro; todo mundo que está na escola um dia estará ao seu lado no set. Na prática aprende-se tudo que é útil para quem está lhe ensinando. (MOURA, 2001, p. 211)

Muitos outros integrantes desse mercado de trabalho têm as mais variadas experiências profissionais anteriores, cozinheiros, marceneiros, motoristas, contadores, entre outros. Essa variedade de recursos humanos enriquece muito a produção audiovisual, um universo de profissionais que para atingir o objetivo final, que visa construir uma peça audiovisual, acaba trocando informações, acarretando em um processo de aprendizagem coletiva a partir da interdependência entre os distintos setores envolvidos.

Assim como a variedade de profissões, as informações relativas a cada projeto de trabalho específico devem circular e ser partilhadas para que cada um execute sua tarefa corretamente. É clara a hierarquia dentro do meio, desde distinção de tarefas, às tradicionais figuras do diretor Cena, diretor de Fotografia e diretor de Arte como chefes de cada setor correspondente à sua função.

Por outro lado, há uma grande relação de dependência e confiança entre os indivíduos da equipe. Se um elemento da equipe não cumprir

competentemente com a sua função, a diária de filmagem atrasa, comprometendo cronograma e, conseqüentemente, o andamento e o orçamento do trabalho.

Podemos utilizar uma metáfora visual comparando a execução de um filme a de uma grande engrenagem onde cada peça, por menor que possa parecer, é fundamental e se uma delas parar todo o sistema trava. Portanto, ao mesmo tempo em que existe uma hierarquia definida, há também, em cada setor, um protagonismo de cada um dos profissionais, uma grande relevância de todos os envolvidos no processo.

Quando trabalhei no longa metragem *O homem que copiava (2003)* de Jorge furtado, por exemplo, executava uma função de assistente de produção, não me encontrava dentro da equipe criativa do filme, mas sim na logística do próprio set de filmagem. Mesmo assim, recebi o roteiro do filme e fui instruído a ler para que soubesse das necessidades e conhecesse mais profundamente o processo que estaríamos iniciando em equipe.

Muitos não o leram. Talvez, aparentemente, o fato de ler o roteiro não influenciasse quase nada na minha função, pois a equipe estava muito mais relacionada a eventos práticos, funções braçais e agilidade na execução das tarefas. Porém, lembro que na reunião antes da primeira diária, a coordenadora de produção Nora Goulart, enfatizou a importância de cada sujeito dentro do processo de filmagem e a necessidade da união da equipe, além do protagonismo que cada um teria daquele momento em diante. Essa atitude me motivou a ler o roteiro.

Esta lógica inclusiva e coletiva busquei proporcionar aos estudantes durante meu estágio docente. Pretendia que a turma trabalhasse como um grupo coeso e entendesse que a função de cada elemento é fundamental dentro da construção da peça audiovisual em sala de aula, e que todos os integrantes são importantes e portanto devem contribuir e se responsabilizar pelas suas funções específicas.

Acredito que na maioria das vezes em que um indivíduo se envolve plenamente com algo, por uma tarefa ou por alguém de maneira espontânea e não impositiva, se torna automaticamente um sujeito responsável e seguro de

sua atividade dentro da equipe de trabalho. Acredito que a responsabilidade partilhada é um elemento de estímulo ao protagonismo de cada indivíduo.

Entre no curso de Bacharelado em Artes Visuais na época em que o currículo ainda contemplava as ênfases por técnicas. Me interessei pela possibilidade de me formar com ênfase em Fotografia, pois já trabalhava com produção audiovisual e queria me aprofundar nas questões relacionadas à imagem. As questões técnicas, formais e conceituais da cinematografia sempre me atraíram e me movem até hoje.

Por outro lado, a escolha pela Licenciatura foi um caminho natural após a conclusão do Bacharelado. Considero o mercado de trabalho para artistas visuais muito restrito e elitizado, restando poucas alternativas para os egressos neste curso, que acabam atuando profissionalmente em outras áreas, como é o meu caso. Apesar das dificuldades cada vez maiores em exercer a docência na esfera pública a Licenciatura pode proporcionar outras alternativas para seus egressos. Acredito que optar pela formação como professor amplia minhas possibilidades de atuação profissional, mesmo com todas as dificuldades intrínsecas na profissão, permitindo uma inserção tanto na esfera pública quanto nas escolas particulares.

Acredito que a instituição escolar, apesar de viver uma crise que perdura há alguns anos, possui um valor inestimável, principalmente pelas pessoas que dela fazem parte, em especial os estudantes. As escolas públicas em geral, ainda possibilitam relativa liberdade em trabalhar conteúdos diversos, com menores restrições ideológicas e religiosas que possam interferir sobre o ato contínuo de aprender-ensinar. Felizmente dentro do meu estágio docente no Colégio de Aplicação, tive a sorte de encontrar pessoas que me proporcionaram relativa liberdade para trabalhar em meio à todas as imposições de ordem institucional presentes dentro da lógica escolar tradicional, ainda que esta nos traga certo cerceamento no modo de nos conduzirmos.

Minha trajetória profissional me levou a desenvolver um senso prático mais aguçado, pensar rapidamente composição, iluminação e narrativas visuais. Por outro lado, minhas experiências acadêmicas me permitiram refletir

com mais profundidade sobre a educação. A associação dos meus conhecimentos práticos aos teóricos podem ser extremamente úteis na construção de projetos pedagógicos. Além disso, os meios audiovisuais têm características que atravessam os conceitos mais fundamentais da educação contemporânea, como a interdisciplinaridade, o trabalho a partir de projetos, além da utilização das novas tecnologias em prol da construção de conhecimento.

O uso da linguagem audiovisual como ferramenta pedagógica permite também repensar o processo de avaliação dos estudantes. Na escola, os critérios de avaliação primam pelo individualismo e tendem a ser quantitativos. No cinema, por mais que o diretor assine o filme, a avaliação de desempenho do trabalho é coletiva e qualitativa. Na escola ainda há um predomínio da linguagem escrita em detrimento de todas as outras, mesmo que estejamos inseridos em uma era digital, fortemente influenciada pelas linguagens audiovisuais, principalmente pelas imagens.

4. CONTEXTO DA ESCOLA E DA TURMA AMORA 2B DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DE PORTO ALEGRE (CAP)

O CAP tem uma estrutura física e pedagógica diferenciada quando comparado a maioria das escolas públicas da cidade. É uma escola de ideais construtivistas, com forte incentivo à pesquisa. Conta com salas específicas para cada área das Artes, além de materiais didáticos apropriados, sala multimeios, laboratório de informática e sala de dança com professores especializados nas áreas de atuação.

A turma na qual lecionei (2016/2), Amora 2B, tinha trinta alunos divididos em dois grupos distintos para as aulas de Artes: enquanto um grupo de quinze alunos tinha aulas de Teatro, o outro fazia aula de audiovisual, com uma hora e quinze minutos para cada área.

A partir das observações em aula durante a primeira etapa do estágio foi possível ver que os estudantes desenvolveram bem trabalhos em grupo e de forma afetiva, integrada. Se mostraram participativos, curiosos, todos possuíam celular e o usavam com certa frequência, apesar de seu uso ser permitido apenas para escutar música enquanto trabalham na turma que observei.

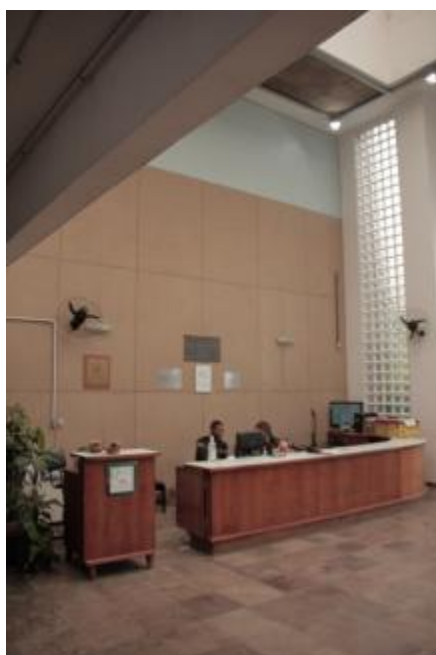
Abaixo, fotos de estudantes, da estrutura da escola e da sala de Artes Visuais:



Imagem 1: Fachada do Colégio de Aplicação de Porto Alegre. Acervo Pessoal.



Imagens 2 e 3: Visão do corredor e da Entrada e rampa de acesso. Acervo Pessoal.



Imagens 4 e 5: Visão da recepção e assistentes de alunos e visão do banheiro masculino.
Acervo Pessoal.



Imagem 6: Visão da quadra de esportes aberta e, ao fundo, do campo de futebol. Acervo Pessoal.



Imagem 7: Visão da quadra de esportes coberta e da rede de vôlei. Acervo Pessoal.



Imagem 8: Saguão de entrada e mural de avisos. Acervo Pessoal.



Imagem 9: Imagem da Sala da turma de Artes Visuais do ensino fundamental Amora. Acervo Pessoal.



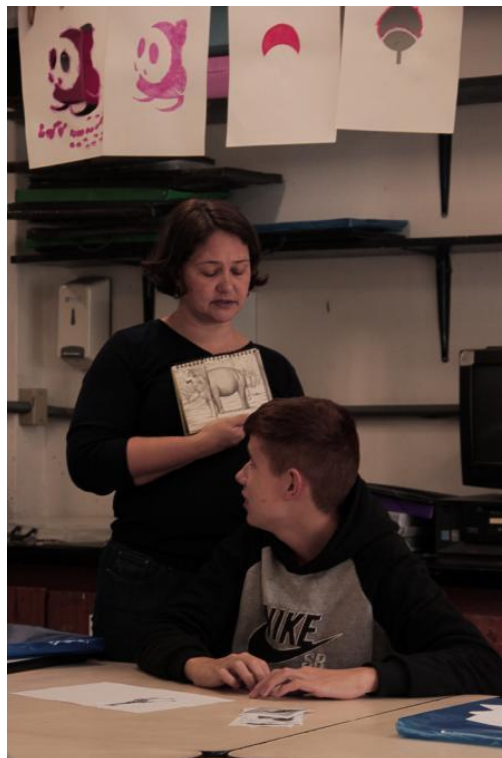
Imagem 10: Detalhe da sala da turma Amora – Pia. Acervo Pessoal.



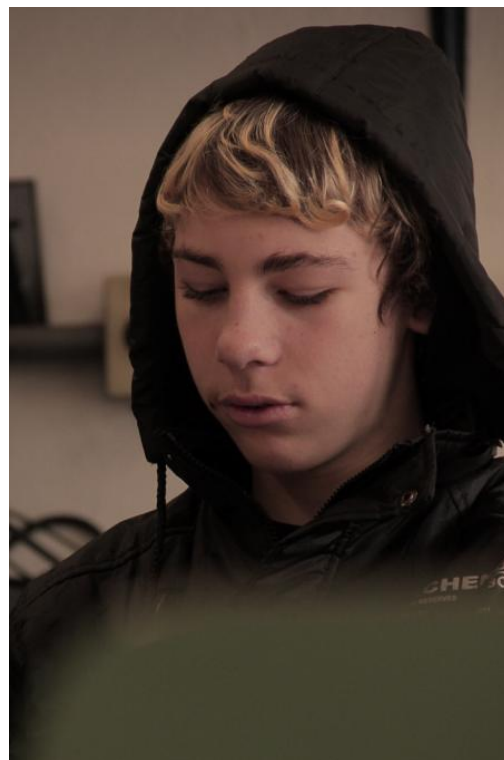
Imagem 11: Alunos da turma Amora trabalhando em sala de aula. Acervo Pessoal.



Imagens 12 e 13: Produções em desenho de observação e pintura dos alunos da turma Amora.
Acervo Pessoal.



Imagens 14 e 15: Aluna da turma Amora em atividade de desenho de observação e Professora da Turma Amora orientando a atividade. Acervo Pessoal.



Imagens 16 e 17: Alunos da turma Amora em sala de aula. Acervo Pessoal.



Imagens 18 e 19: Aluno da turma amora realizando a atividade e alunos interagindo durante a atividade. Acervo Pessoal.

5. O PROJETO DE ENSINO

O projeto que propus contou com a aprovação da professora Aline Becker, responsável pela disciplina de Artes Visuais, e dialogou diretamente com os conteúdos por ela propostos para o respectivo ano de ensino, tendo interfaces com as atividades da disciplina de Teatro, coordenados pela professora Mônica Bonatto. Conforme o plano de ensino da Prof^a Aline para os 6º e 7º anos, os princípios orientadores e teorias inspiradoras da disciplina de Artes Visuais são:

A contextualização e problematização são princípios orientadores da disciplina de artes visuais no 6º e 7º anos, quando os alunos estarão construindo aprendizagens significativas que se estenderão e conservarão pelas etapas da sua vida. Este contexto o iniciará no descobrimento e valorização do pensar, perceber, sentir e imaginar,

trabalhando o processo criador como elemento necessário ao seu equilíbrio, ao seu envolvimento como pertencente a um grupo social e transformador; no conhecimento dos processos culturais e históricos. Quando se questiona e busca mais perguntas do que respostas, neste caminhar está desenvolvendo sua criatividade, se expressando, se posicionando com propriedade e participando do seu mundo.

5.1. Os Conteúdos propostos pelo meu projeto:

5.1.1. TEMÁTICA PRINCIPAL: O Audiovisual e suas etapas de criação

5.1.1.1. Temáticas secundárias

- O vocabulário do audiovisual
- Ideia, argumento e roteiro
- Fotografia, Direção de cena, Direção de Arte
- Os formatos de audiovisual:
 - Ficção
 - Documentário
 - Institucional
 - Telejornal

5.1.1.2. Temáticas transversais:

- Artes em geral
- questões de gênero, raça/cor
- política
- ecologia

6. DIÁRIO DAS AULAS – AMORA 2B

6.1. AULA 1: Tipos de audiovisual e seus Temas

TIPOS DE AUDIOVISUAL:

- a) publicitário
- b) ficção: curta, média e longa metragem
- c) documentário
- d) telejornal

e) videoarte

OBJETIVO: Despertar o interesse e ampliar o repertório audiovisual dos estudantes, proporcionando uma série de referenciais para a construção de seus projetos autorais. O encontro teve três momentos:

1) Foram exibidos trechos de diferentes tipos de audiovisuais (aprox. 40min).

2) Foi feita uma roda de conversa sobre os trechos exibidos e, a partir de perguntas guias, foram identificados os temas de cada vídeo e o tipo de audiovisual apresentado (aprox. 40min).

3) Concepção da ideia do vídeo: os alunos definiram os seus grupos de trabalho (5 grupos de 3 alunos cada) e discutiram qual o tema que os interessava e dialogava com as suas realidades para a criação de um vídeo original de até 5 minutos (aprox. 30min).

4) Foi solicitada uma tarefa para a aula 02: os alunos deveriam trazer um objeto de seu interesse.

Esta aula foi dada em conjunto com a professora Mônica Bonatto de Teatro e a professora Aline Becker, titular de Artes Visuais, na sala de teatro. A ideia era despertar através de conversa e sessão de vídeos uma visão crítica acerca das imagens as quais estamos submetidos diariamente, tanto quanto à forma quanto ao conteúdo. Estereótipos, preconceitos e senso comum foram discutidos, principalmente a partir dos filmes publicitários, onde os clichês e padrões estabelecidos pela indústria cultural são muito evidentes.

Utilizamos o horário dos dois grupos, agora 2B grupo 1 e agora 2B grupo 2 (das 8h até às 10h15) para fazer uma introdução aos tipos de audiovisual mais conhecidos a que temos acesso. Utilizei o *youtube* para baixar diversos comerciais, mini docs, além de matérias telejornalísticas para exemplificar e começar a discutir questões formais e conceituais dos meios audiovisuais. Foram utilizadas as seguintes perguntas guia nas rodas de conversas:

- Do que o filme trata?
- Onde acontece?
- Qual seu propósito, sua finalidade?

- Como se conecta com a tua realidade?
- Quais os elementos formais utilizados para a sua construção?
- Porque se utilizam de tais cores, luzes, músicas, diálogos, cenários, figurinos, locações?
- Quais as personagens presentes na história?

Alguns destes termos utilizados no audiovisual acima citados, como personagens, figurino, cenário, etc, já haviam sido abordados pela professora Mônica Bonatto durante as aulas de Teatro e já faziam parte do vocabulário dos estudantes. Fato relevante, pois no meu projeto utilizaríamos com frequência estas terminologias.

A aula foi cansativa, foi a minha estréia como professor na turma. Uma aula produtiva, onde surgiram questões relativas a preconceitos, ideias de senso comum que geraram discussões e polêmicas entre alunos com opiniões contrárias.

É preciso conquistar respeito e confiança da turma, ao tratar de assuntos polêmicos deve-se dar voz e ouvir a todos, mesmo não concordando com a opinião de alguns. Por outro lado, em alguns momentos, tive dificuldade em conseguir a atenção dos estudantes. Enquanto eu falava, poucos prestavam atenção, precisei contar com a ajuda das professoras titulares para poder ser ouvido. Assim, pude perceber na prática que o professor estagiário normalmente não é visto como uma figura de autoridade pelos estudantes. Ainda não sei se pela falta de intimidade ou pela presença das professoras titulares que ocupavam este lugar.

Fiquei preocupado com a reação de uma aluna, quando começamos a discutir sobre preconceito racial dentro da publicidade, ela pareceu irritada, provavelmente trazendo a opinião de casa, dos pais ou avós. A menina se posicionou completamente contrária a existência de uma inclusão da imagem positiva dos negros nos meios de comunicação, além de não concordar com cotas raciais em instituições de ensino superior e minimizando o problema do preconceito racial que foi levantado a partir da discussão de um dos vídeos assistidos. A estudante inflamou-se ao defender sua posição ideológica,

transformando a discussão em disputa de opiniões que teve de ser mediada pelas professoras titulares.

Por outro lado, observamos e discutimos aspectos formais presentes nas Artes Visuais, linha, cor, volume, textura, luz e como estes elementos podem ser utilizados na construção das peças audiovisuais e como podem corroborar na sua construção.

Procurei conduzir uma aula em que se observassem os recursos possíveis utilizados na criação de imagens para dar a ilusão de profundidade em uma tela de duas dimensões, a partir dos elementos cenográficos e fotográficos. Além disso, pensamos na relação entre a escolha das cores do produtos anunciados nos exemplos de comerciais que assistimos com as locações, figurinos e objetos escolhidas pela direção de Arte e como estes elementos deveriam dialogar ou se contrapor para criar atmosferas que contribuíssem na construção de narrativas visuais presentes nas peças apresentadas em aula.

Como atividade para a aula seguinte, os estudantes tiveram que trazer um objeto que fosse importante para eles, qualquer objeto, para fazer o primeiro exercício prático do trimestre.

DILEMAS DO DIA: Mesmo com a participação e entusiasmo de alguns, aula ficou muito extensa, com muitas informações e bastante conteúdo. Notei em alguns momentos sono e cansaço na turma. O desafio foi fazer uma aula teórica com informações relevantes sem ficar “pesada” ou entediante, além de tratar de questões polêmicas dando voz às diferentes opiniões, sem utilizar o poder do professor como um instrumento repressor ao pedir silêncio e poder ser ouvido.

6.2. AULA 2: Roteiro I - Ideia, argumento e roteiro

Construir coletivamente o conceito de roteiro.

OBJETIVO: Proporcionar aos alunos noções básicas sobre os elementos que compõem um roteiro. Experimentar um desafio de criação de um pequeno roteiro.

O encontro foi dividido em 2 momentos:

1) Foi construído o conceito de roteiro de forma coletiva a partir de uma roda de conversa onde os alunos expuseram o que imaginam ser um roteiro e cada um escreveu em um pedaço de papel uma palavra que sintetizasse a sua argumentação. Depois foram reunidas as palavras de todos os alunos e formado um conceito de roteiro que foi confrontado com o conceito de roteiro apresentado por Carlos Gerbase, no livro *Cinema: Primeiro Filme* para fazer a síntese do trabalho coletivo (aprox. 40min).

2) Desafio: criar nos grupos de trabalho um pequeno comercial de entre 10 a 30 segundos, para vender o objeto que os alunos trouxeram (conforme tarefa da aula 1). Os alunos deveriam criar um pequeno roteiro e fazer a primeira experimentação em vídeo (aprox. 30min).

A ideia da segunda aula era construir coletivamente o conceito de roteiro. Procurei introduzir os conceitos de ideia e argumento, a partir daí, de maneira coletiva e participativa, pensamos, falamos e anotamos no quadro negro da sala de Artes o que os alunos compreendem como roteiro.

Em um segundo momento, a partir do objeto trazido, os alunos se reuniram em grupos e criaram seus pequenos roteiros e, logo em seguida, gravaram suas histórias visuais na câmera do celular.



Imagem 20: Fotografia “selfie” de alunos da turma Amora 2B do ensino fundamental do colégio de Aplicação de Porto Alegre/RS em atividade de construção do roteiro.



Imagem 21: Fotografia de alunos da turma Amora 2B do ensino fundamental do colégio de Aplicação de Porto Alegre/RS em atividade de construção do roteiro.



Imagem 22: Fotografia de alunos da turma Amora 2B do ensino fundamental do colégio de Aplicação de Porto Alegre/RS em atividade de construção do roteiro.

A proposta era a criação de comerciais de até 30 segundos. Muitos me pediram para fazer vídeos maiores, argumentando que precisavam de mais tempo para construir sua história, não cabendo no formato convencional de um comercial, aceitei a ideia. Outros, pediram para que eu gravasse, pois precisavam de todos os integrantes como personagens. A principal característica da aula foi a grande inclinação dos estudantes ao gênero de humor, quase todos os vídeos foram executados com muita euforia, entusiasmo e com momentos de ironia em seus roteiros. Um dos grupos fez de seu vídeo uma música roteirizada, uma espécie de *funk*, cujo argumento era a história de Pedro e Prêdo, dois personagens que não se conheciam anteriormente que se encontram em uma padaria. Sobre o humor como recurso facilitador do ensino Behar et al. (2007), afirmam:

A importância do reconhecimento do estado de humor, além das emoções, no ensino aprendizagem faz-se necessário porque é o afeto que vai determinar o real comportamento do estudante nos processos de aprendizagem e auxiliar os formadores na compreensão de como devem ser conduzidos os processos de ensino. Quando o aluno está em estado de humor positivo, ele é mais sociável, mais cooperativo, mais criativo, mais persistente, mais eficiente na tomada de decisões motivado para realizar suas tarefas, ou seja, está aberto (BEHAR et al, 2007, p. 12).

Analisando o contexto no qual os estudantes estão inseridos, ou seja, a escola e sua estrutura, sua turma específica e as condições gerais para a liberdade de expressão e criação destes jovens, posso inferir que os motivos que podem ter levado a turma a ter maior tendência ao gênero de humor foram:

Em primeiro lugar, a relativa liberdade⁵ com que os estudantes podiam circular, se comunicar e se expressar dentro das dependências da escola a partir do estímulo do próprio corpo docente.

Em segundo, por se tratar de uma escola que fica distante do centro da cidade, localizada no campus da universidade e ter grande espaço físico em sua estrutura, permitindo que os jovens tenham privacidade, além de áreas

⁵ Quando me refiro à relativa liberdade dos estudantes nesta escola, estou falando da possibilidade que tinham dentro da instituição de se comunicar livremente, se expressar através de cartazes e faixas, circular pelas dependências da escola sem grande controle. Obviamente a escola tinha portaria com segurança, funcionários que cuidavam da disciplina, horários de entrada e saída, recreio e possíveis atrasos dos estudantes.

verdes próximas com ar puro, campo de futebol e quadra poliesportiva favorecendo a prática de exercícios físicos e diversão através de esportes.

E talvez o fator mais determinante, seja o estímulo proporcionado ao ensino das artes nesta escola. Além das aulas de Artes Visuais e de música, as de teatro proporcionam um grande estímulo à livre criação, facilitam a socialização e estreitam os laços entre colegas, favorecem a desinibição, os jogos e a improvisação. O fato de eu ter podido trabalhar com indivíduos que tem na sua formação um estímulo ao livre exercício da expressão, foi fundamental para o desenvolvimento do meu projeto.

Além disso, a maior parte da turma era composta por estudantes com a estrutura familiar e de renda suficientes para o mínimo de tranquilidade para estudar, aparentemente bem alimentados e saudáveis, sem grandes problemas familiares e particulares evidentes.

Além da presença do humor em seus trabalhos, muitos estudantes também revelaram a necessidade de construir ambientes cenográficos na intenção de transmitir suas ideias escritas no pequeno roteiro, dando maior importância aos elementos físicos do que à criação e elaboração da ideia, como no exemplo da imagem 21.

Conversamos sobre ideia, argumento e roteiro, sobre diversas possibilidades intrínsecas na criação de uma história sonora e visual. Aonde começa a criação de uma história contada por um meio audiovisual? Pode ser uma ideia original, um sonho, baseada em fatos que aconteceram comigo, com uma amigo? Baseada em um livro, um poema ou conto? De onde surge a ideia? A sua própria vida pode ser o ponto de partida para a construção de um roteiro?

O contador de histórias pode (na verdade, deve) partir de suas próprias experiências. Pode até começar descrevendo literalmente suas experiências. Logo depois, vai perceber que é possível melhorá-las, organizando-as melhor, fazendo cortes, acrescentando, misturando com outros acontecimentos e com ideias “novas”, não retiradas da da realidade (...) (GERBASE, 2012, p. 159-160)

Na sequência, tentei explicar o conceito de argumento como uma síntese do roteiro, da história a ser contada, os motivos que levaram a escrever. O livro que utilizei como referência foi o livro *Primeiro Filme* do

cineasta gaúcho Carlos Gerbase. Alguns não conseguiram entender o conceito de argumento como uma síntese do roteiro. Viram o argumento como o porquê de estarem fazendo aquela atividade: Argumento: “Por que o professor pediu...”

O maior desafio presente nesta aula consistiu em introduzir na turma uma rotina de organização antes de filmar, na qual os estudantes pudessem criar uma história visual a partir de um roteiro, não apenas como um exercício de criatividade a partir da escrita, mas também como uma função de ordem prática para antever problemas, pensar em soluções para a execução de cada plano a partir do papel, estruturando anteriormente um pequeno projeto para facilitar e organizar o momento da filmagem. Este foi o primeiro exercício de roteiro, o cronograma previu mais uma aula específica sobre o assunto, aula de roteiro II.

Neste mesmo dia criamos, com a ajuda de um dos estudantes que se mostrou muito envolvido com o exercício proposto e teve muita facilidade em fazê-lo também⁶, um grupo no Facebook para postar as atividades realizadas em sala de aula, grupo denominado amora 2B cap. Na rede social era possível visualizar as tarefas e comentários dos colegas, *links* com material extra classe e avisos para manter o contato durante o resto da semana.

DILEMAS DO DIA: O dilema desta aula foi trabalhar tentando fugir ou reinventar os estereótipos e fórmulas prontas da publicidade muito introjetados no cotidiano, na TV e nas redes sociais e proporcionar uma metodologia que viabilizasse o olhar crítico a estes modelos prontos.

Como veremos abaixo, na imagem 24, em um dos exemplos de roteiro escritos pelas estudantes da turma amora 2B, mesmo sendo escrito de forma irônica e divertida, não deixou de reproduzir também os ideais repetidos pela escola e pela família onde o argumento se baseia no fato das crianças não dedicarem seu tempo à família em função de sua relação de dependência do aparelho de telefone celular. Ou seja, as estudantes criaram uma trama com

⁶ CAPITAL CULTURAL . Este estudante ao qual me referi era um jovem de classe média, notoriamente muito estimulado e com acesso a oportunidades.

base no que os adultos esperam delas e como acreditam ter de agir diante desta situação. Paradoxalmente o comercial ao induzir o público à compra de um produto, que supostamente ajudaria a integrá-las à família deixando de lado os aparelhos celulares, atribui à resolução dos conflitos entre os parentes a necessidade de aquisição de uma nova mercadoria.

No outro exemplo, imagem 23, um homem que não fez seu seguro de vida leva um tiro e fica à beira da morte em um hospital em função de não ter aderido ao plano da seguradora. Apesar de ser contado de forma divertida, o comercial sintetiza de forma direta a natureza do filme publicitário, onde os artifícios de convencimento e “conquista” de clientes não respeitam necessariamente critérios éticos, utilizando-se do medo como ferramenta de convencimento de adesão ao seguro de vida.

Observando os acontecimentos agora, com relativo distanciamento que o só o tempo decorrido entre o estágio e o momento que escrevo permite, vejo que estas reflexões críticas frente a indústria cultural e aos meios audiovisuais devem ser propostas de maneira lenta e gradual. Talvez o exercício que tenha como base a reprodução dos clichês da publicidade seja uma maneira interessante de iniciar uma reflexão sobre o assunto. A produção de aula, seguida de perguntas que instigam a dúvida, como as que propus na primeira aula do estágio pode ser uma alternativa para o questionamento da turma sobre o próprio fazer.

Porque tu escolheste este tema para roteirizar? Qual a tua identificação com este comercial? Tu consumes este tipo de produtos? Porquê? Qual é a real necessidade que tu encontras em consumir estes produtos?

Com o andamento do projeto comecei a perceber que minhas aulas eram bem consistentes em relação aos seus quesitos técnicos, de acordo com as temáticas principais e secundárias planejadas. Porém, estavam aquém das expectativas quanto às questões de ordem crítica, as quais havia julgado serem pertinentes e complementares às práticas e que dentro do meu projeto representam as temáticas transversais.

As aulas práticas demandaram muito tempo durante o trimestre, foram quase insuficientes para terminar projeto planejado, acabei me envolvendo demais com as questões de ordem formal e técnica presentes dentro do audiovisual.

Tentar promover uma reflexão sobre fórmulas prontas introjetadas dentro do grande mecanismo que o filósofo alemão Theodor Adorno chamou de cultura de massas, utilizando o meio audiovisual como referencial para pré adolescentes completamente imersos dentro deste universo é muito complexo, porém, cada dia mais necessário. Muitos produtos audiovisuais fazem parte dos elementos pré-digeridos ou *baby food* ao qual o filósofo alemão se referia ao mencionar os produtos da cultura de massas que utilizam fórmulas fáceis, que não provocam reflexão no espectador deixando-os em uma posição de passividade em relação ao que assiste.

A minha intenção aqui não era promover uma crítica direta à cultura de massas ou alertar os estudantes da sua existência simplesmente, mas sim fomentar a discussão a cerca do que podemos fazer para tentar enxergar seus produtos sob uma perspectiva diferente, utilizando o próprio meio audiovisual a partir do conhecimento de suas técnicas para tentar observá-los de maneira menos convencional, através do olhar de um criador em potencial, não apenas como expectador. Abaixo, os roteiros mencionados:

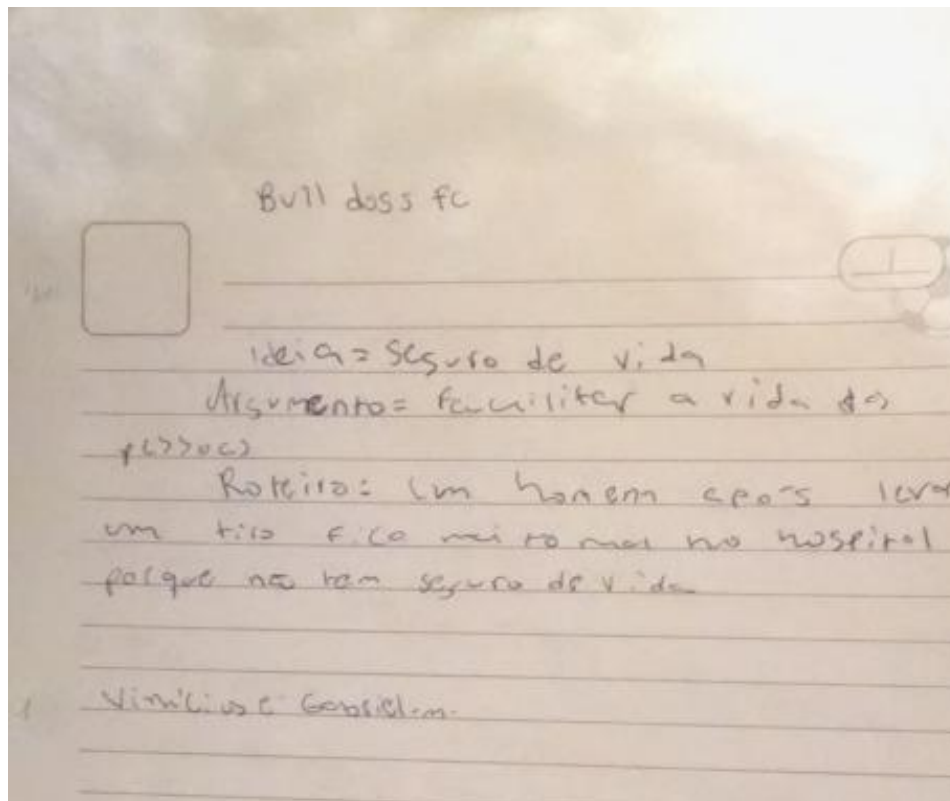


Imagem 23: fotografia de um roteiro escrito por um dos estudantes da turma Amora 2B do ensino fundamental do colégio de Aplicação de Porto Alegre/RS em atividade de construção do roteiro

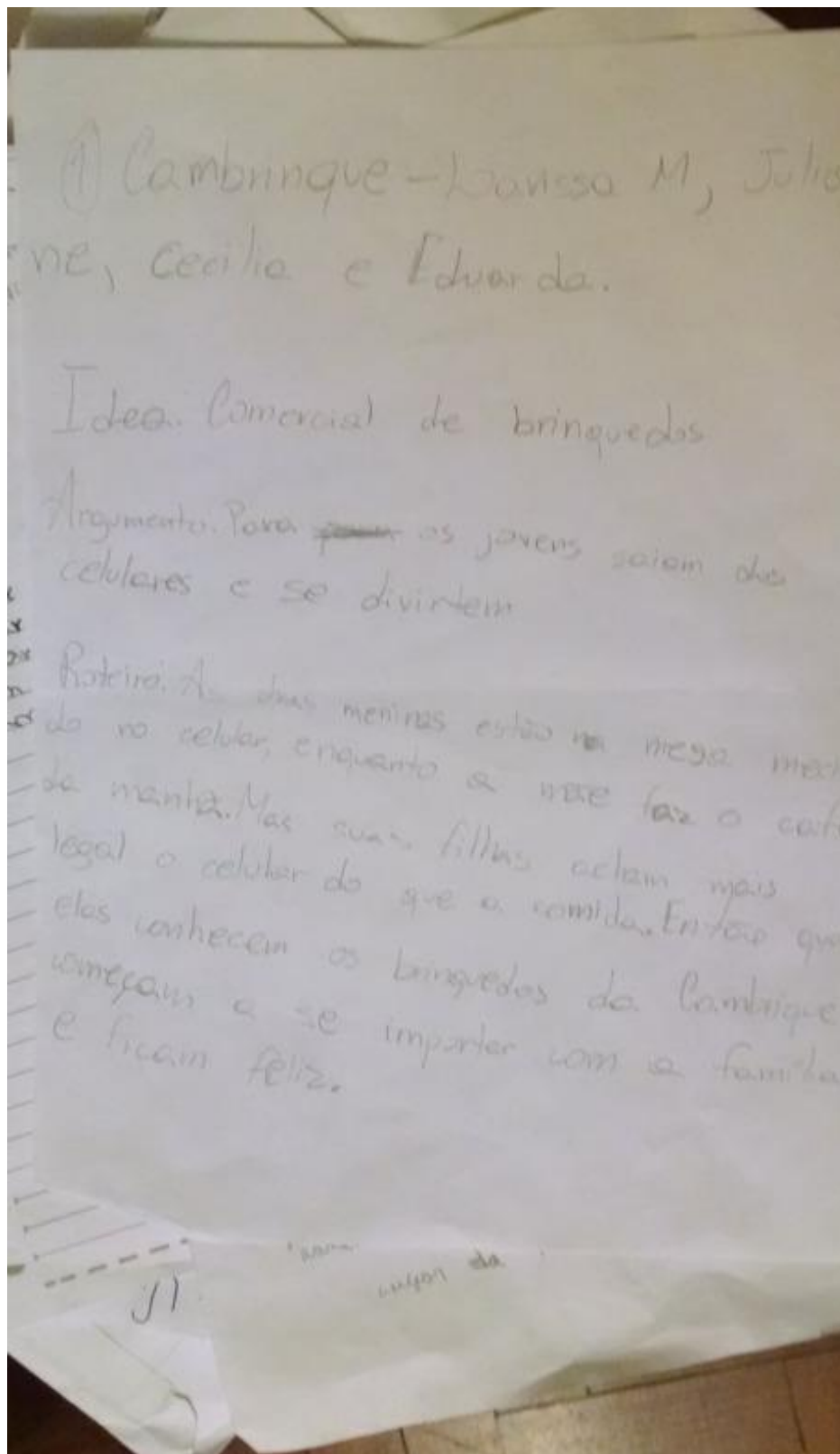


Imagem 24: fotografia de um roteiro escrito por um dos estudantes da turma Amora 2B do ensino fundamental do colégio de Aplicação de Porto Alegre/RS em atividade de construção do roteiro

6.3. AULA 3: O vídeo, noções de enquadramento, composição e iluminação.

OBJETIVO: Experimentar a criação de uma pequena cena, incluindo a sua iluminação e cenografia.

O encontro teve dois momentos:

1) Foram apresentadas 05 fotos de cenas de diferentes audiovisuais, nas quais os alunos deveriam observar a composição dos elementos em quadro, a iluminação e a forma com que foram enquadradas.

2) Em um segundo momento, cada grupo de trabalho recebeu um kit de materiais, contendo pequenos brinquedos, objetos, algum elemento para iluminação, além de uma cartolina colorida para trabalhar um fundo infinito. Os estudantes deveriam criar uma pequena cena, tendo como referência as fotos apresentadas, planejando a composição, o enquadramento e a iluminação.

Após as aulas com exemplos diversos de peças audiovisuais e de roteiro, propus uma aula prática de enquadramento e construção de um plano fílmico. A ideia era recriar, em grupo, a partir de uma foto de referência, uma cena específica, seu cenário, iluminação e enquadramento em uma maquete, simulando o ambiente de um pequeno estúdio.

A profundidade, o trabalho criativo com as cores, além dos materiais utilizados na construção do cenário e a posterior planificação em duas dimensões através da fotografia de uma imagem criada em três, são alguns exemplos de elementos que procurei relacionar e trazer à tona nas discussões durante a prática, na tentativa de trazer à tona um olhar mais profundo sobre o trabalho envolvido nos meios audiovisuais.

O exercício proporcionou momentos de extrema ludicidade, o que por um lado os distraiu e por outro, os motivou. Os brinquedos que levei para a prática foram fundamentais para o despertar da criatividade e empolgação dos estudantes, alguns deles interferiram em bonecos de plástico, transformando-os. Outros foram ao pátio buscar areia para por no cenário que construíam para reproduzir a beira do mar, imagem 25, outros construíram figurinos para os personagens com retalhos de panos e papel.

Além dos brinquedos, fundos coloridos que simulavam fundos infinitos de estúdio e diferentes tipos de fontes de luz, como lanterna, luz de segurança

predial e uma lâmpada incandescente em uma extensão foram ferramentas que foram muito bem aceitas e disputadas pelos estudantes.

Após a realização do exercício, os estudantes deveriam fotografar em seus celulares o resultado final do trabalho, postando no grupo do Facebook da turma. A proposta funcionou bem com os mais envolvidos, menos dispersos. Tive que chamar a atenção dos estudantes menos interessados, por várias vezes, o que não me agrada nem um pouco. Porém, na sua maioria, a turma aceitou a proposta e trabalhou com bastante entusiasmo.

No geral se mostraram comprometidos com a tarefa, mas a proposta em grupo tende a ser difícil, alguns integrantes se envolvem e se comprometem com a atividade, enquanto outros deixam a tarefa para os mais participativos.

Algumas surpresas positivas que me chamaram atenção: dois estudantes normalmente pouco engajados participaram bastante da aula, sendo os líderes em seus grupos. Como lhes dei a luz para trabalhar somente após a construção dos cenários, objetos e figurinos da cena, um dos grupos resolveu simular a luz com material concreto, com um pedaço de papel branco, fiquei muito feliz de vê-los resolvendo a representação da iluminação de forma criativa. Apenas um dos grupos optou por trabalhar sem a imagem de referência, construindo um cenário original e conseqüentemente uma fotografia e um enquadramento diferente do sugerido.

Agora consigo perceber o potencial criativo deste exercício que propus e que durante a prática não havia enxergado. Na medida em que os estudantes construía o cenário de forma colaborativa, iam também tomando vida os personagens que no cenário estavam, além da invenção de fatos e histórias para justificar a construção ambiente da forma que o fizeram.

Uma das grandes dificuldades que encontrei ao longo do projeto foi o fato de ver que os estudantes, na sua maioria, não tinham vontade ou disposição em criar uma história original para o posterior desenvolvimento de um roteiro. Analisando agora, ao escrever meu TCC, pude perceber que o próprio material que os dei para realizar a tarefa poderia servir como disparador

da criação de uma história a partir dos elementos que eles tinham para compor seus cenários.

Tentei trabalhar os conteúdos propostos em aula a partir de um método que desse opção de escolhas criativas aos estudantes, sugeri a reprodução de uma cena com a intenção de tornar consciente a articulação de elementos cenográficos e fotográficos presentes em um plano cinematográfico, além de mostrar na prática os diferentes tamanhos de enquadramentos possíveis e a justificativa de utilização de cada um. Porém, acredito ter ficado muito preocupado com a importância do vocabulário específico e das informações técnicas a respeito dos meios audiovisuais, além é claro do andamento da aula, que não percebi que a solução para a dificuldade da criação dos roteiros poderia ser solucionada a partir da utilização dos materiais concretos como disparadores na construção de suas histórias e estímulo a escrita do roteiro.

Além disso, a fotografia de referência foi a maneira que encontrei de tornar viável a tarefa dentro do cronograma do projeto, sem a qual, o grupo que não apresentasse ideias originais dentro do período da aula, não conseguiria fazê-la, obrigando a estendê-la em mais uma manhã, algo que atrasaria o andamento do meu projeto.



Imagem 25: fotografia da turma Amora 2B do ensino fundamental do colégio de Aplicação de Porto Alegre/RS em atividade de vídeo: noções de enquadramento e composição



Imagem 26: fotografia da turma Amora 2B do ensino fundamental do colégio de Aplicação de Porto Alegre/RS em atividade de vídeo: noções de enquadramento e composição

6.4. AULA 4: O áudio - Noções sobre som ambiente, trilha sonora, efeitos de som e voz

OBJETIVOS: Conhecer os diferentes tipos de estímulos auditivos utilizados em audiovisual. Experimentar a criação de sons para um vídeo

O encontro teve 3 momentos:

1) Em um primeiro momento, os alunos foram vendados e submetidos a diferentes tipos de sons que são utilizados em produções audiovisuais: sons ambientes, trilhas sonoras com diferentes climas, efeitos sonoros e vozes. Após a retirada das vendas, eles deveriam dizer quais os tipos de sons que identificaram e eu apresentei uma síntese dos tipos de áudios que, em geral, compõem audiovisuais.

2) Em um segundo momento, os alunos foram novamente vendados e expostos a uma pequena história contada com sons. Após, em uma roda de conversa, tiveram que narrar a história que foi contada pelos sons.

3) Em um terceiro momento, os alunos experimentaram produzir uma gravação de sons com o celular: vozes, criação de efeitos, criando sua própria história.

Na prática, a aula foi um pouco confusa. Os estudantes estavam particularmente agitados, dispersos, alguns com sono. Típico de uma segunda-feira pela manhã. Foi difícil ficarem em silêncio para se concentrar nos sons. Além disso, tive problemas para ampliar o som do meu laptop, a pequena caixa de som, que eu havia testado na noite anterior, resolveu não funcionar. Notei que a venda nos olhos é uma experiência que angustia algumas pessoas, a maioria deles não conseguiu ficar por muito tempo vendado.

A proposta era construir uma paisagem visual, uma história composta somente com sons para enfatizar a importância do áudio nos meios audiovisuais. De maneira geral, estamos muito mais familiarizados com as imagens e prestamos pouca atenção nos sons, o que me levou a tentar buscar uma maneira de subtrair qualquer imagem que os influenciasse em detrimento do som:

Temática:

- a) Trilha sonora, músicas
- b) Efeitos sonoros, barulhos
- c) Diálogos.

Editei duas histórias sonoras para apresentar em aula, logo após, eles criaram as suas. Foi divertido. Apesar dos problemas, alguns estudantes conseguiram imergir na proposta e os exercícios práticos foram interessantes.

Criei grande expectativa em relação a esta aula, pois acreditava que ela possuía muitos ingredientes para agradar os jovens estudantes pelo seu caráter lúdico. A ideia era, principalmente, trabalhar a imaginação através das imagens que seriam projetadas em seus pensamentos a partir do estímulo auditivo na tentativa de evidenciar a importância do som no audiovisual e como ele pode contribuir na sua narrativa.

Acho muito interessante a ideia de trabalhar somente a partir de sons, é um contraponto à quantidade de imagens a que os jovens são expostos e consomem diariamente. Assim como na aula anterior, o vídeo, agora consigo

ver que a construção do roteiro poderia ser iniciada a partir de um exercício prático com sons ou ainda para criar seus storyboards a partir das imagens que se formariam em suas mentes através dos estímulos sonoros, por exemplo.

Dediquei bastante tempo preparando esta aula, muitas horas de pesquisa e edição para poder construir histórias que fossem interessantes. Notei que os estudantes tendem a copiar, a fazer muito parecido com o que lhes é proposto, não sei se por uma limitação, comodidade, preguiça ou para tentar agradar ou impressionar o professor.

Mesmo com as dificuldades presentes, a proposta foi produtiva, alguns estudantes trouxeram da rua, dos corredores e do pátio da escola paisagens sonoras interessantes e relativamente bem elaboradas.

DILEMAS DO DIA: Como dar aulas com conteúdo teórico específico, a partir de exemplos já estabelecidos e conhecidos, seguidos de aula prática, sem induzir os estudantes a apenas reproduzir o que viram e escutaram?

Será que minha experiência no mercado audiovisual, entre prática, cursos e oficinas aliada à formação universitária, foi suficiente para me preparar para estar em sala de aula como professor?

Neste ponto começo a me questionar se eu não sigo reproduzindo os mesmos padrões que me propus a subverter, dando muita ênfase às questões técnicas e práticas sem conseguir desenvolver o viés crítico que gostaria de trabalhar com os estudantes.

Os docentes têm uma visão prática da sua ação e do seu conhecimento (o que devo fazer, a atividade que devo programar). Nesse sentido, os professores constroem saberes e práticas ao longo de sua trajetória profissional que são subvalorizados pelos formadores e pelos meios de comunicação, mas que, no entanto, constituem os fundamentos de sua prática e competência profissional. Entretanto, a prática sem contexto, sem explicação e sem referências que a sustentem não tem mais sentido do que a simples atividade, pois deixa de lado as dimensões educacionais e sociais da ação docente (HERNANDEZ, 1998, p.5).

6.5. AULA 5: Roteiro II

OBJETIVOS: Revisão sobre roteiro; Escrita do roteiro; Criação do roteiro de um vídeo.

O encontro teve 2 momentos:

1) Foi realizada uma retomada do conceito construído coletivamente de roteiro, do trabalho que estavam fazendo paralelamente com a prof. de Teatro, destacando os componentes vídeo e áudio que compõem um audiovisual.

2) Os grupos deveriam retomar a sua ideia e trabalhar na escrita da história no formato de roteiro a partir de um roteiro de perguntas.

Na aula do dia 19/09/16, a ideia era retomar a aula I de roteiro com suas terminologias e conceitos e aprofundá-los. A aula foi das 8h às 10h15, pois trabalhamos em conjunto com a disciplina de Teatro. Cabe destacar que a ideia de se trabalhar junto com a disciplina de Teatro foi muito produtiva, além da possibilidade de aumentar o tempo de aula, trabalhamos em dupla. A professora de Teatro, Mônica Bonatto, se mostrou uma grande parceira de trabalho e contribuiu muito para a manutenção do desenvolvimento das atividades dentro de sala de aula. Aprendi muito com ela durante a prática, como se posiciona, como lida com a disciplina dos estudantes, em que momento se deve intervir. O que difere muito da observação passiva do primeiro trimestre, onde o professor estagiário é instruído a interferir o menos possível na aula da professora titular e, muitas vezes, fica em uma posição de estrangeiro na turma observada.

Retomamos o conceito de roteiro e trabalhamos em um grande grupo, com a turma inteira. Separei alguns roteiros para serem lidos em sala de aula. Enquanto a professora Mônica lia os roteiros em voz alta eu a interrompia quando achava necessária uma intervenção para exemplificar cada parte do texto e como a história roteirizada dialoga com a produção, a direção, a fotografia e arte. Além disso, vimos que o roteiro ainda pode nos sugerir o que pode ser executado na edição.

Durante a leitura de um dos roteiros escolhidos para os exemplos de aula, *Três minutos* de Jorge Furtado, filmado por Ana Luisa Azevedo, alguns dos alunos o reconheceram como um dos curtas que vimos na primeira aula do

meu estágio como professor. Para mim este fato foi uma surpresa muito agradável, pode parecer banal, porém a linguagem escrita de um roteiro cinematográfico nem sempre é explícita ou facilmente traduzida em mensagens compreensíveis ao leitor não iniciado, o que me levou a constatação que a aula estava sendo eficaz e que conseguiu induzir a um exercício de abstração bem sucedido de alguns estudantes.

Após este exercício, os grupos foram formados para a criação do roteiro que será criado e filmado pelos estudantes, sua história original, objetivo final do projeto.

DILEMAS DO DIA:

1. Como criar uma aula teórica que seja atrativa e envolvente?
2. Os estudantes mostraram, como na maioria das aulas anteriores, grande dificuldade em se concentrar e executar a tarefa de criação do roteiro.
3. Dentro da maioria dos grupos um ou dois estudantes assumiam a responsabilidade de criar e escrever, os outros integrantes ficaram mais dispersos.

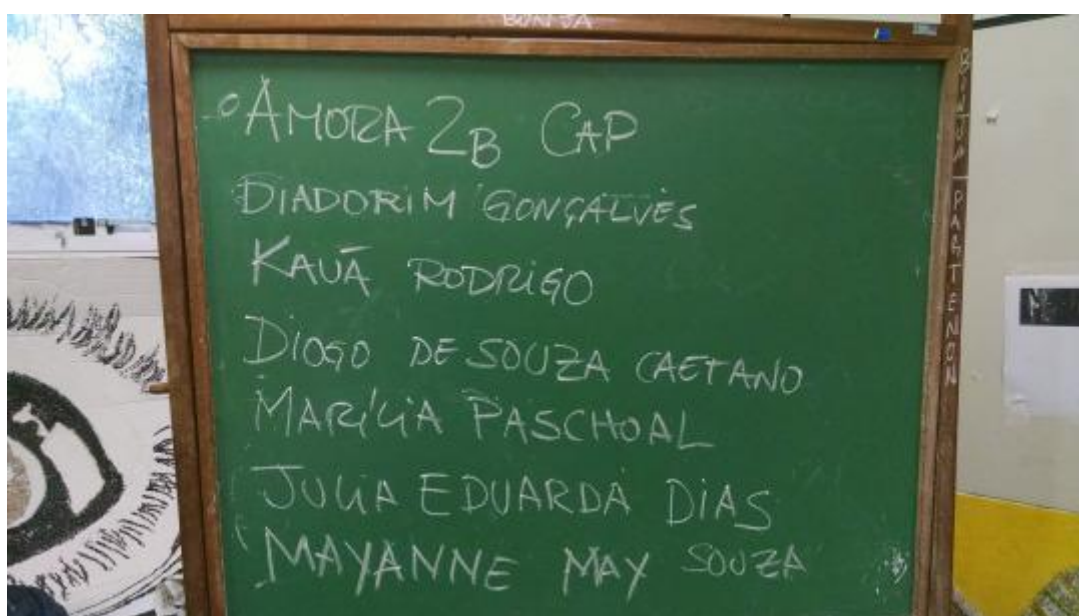
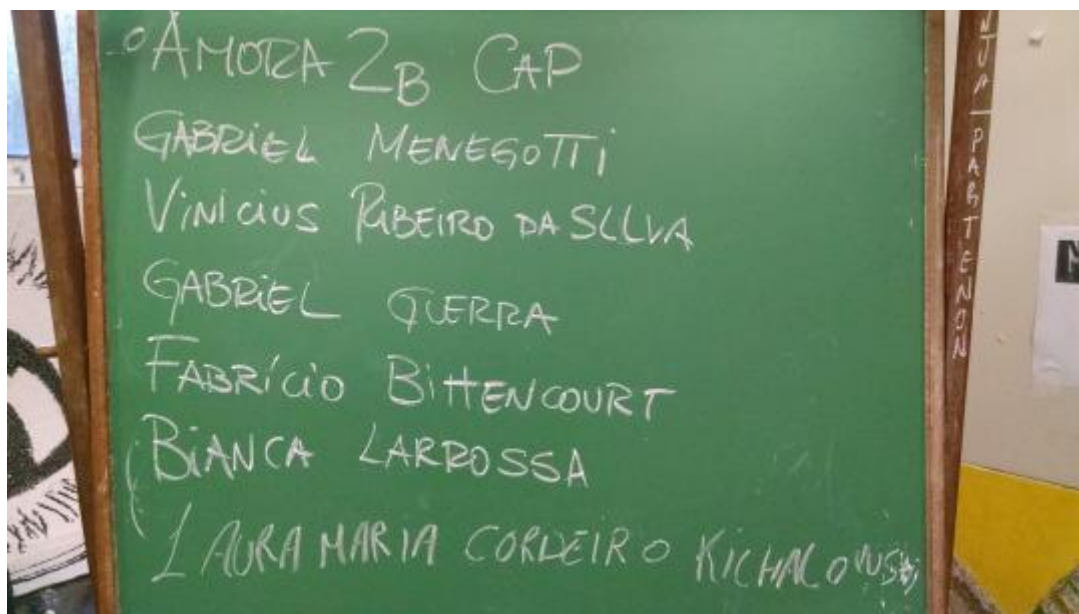
Este último dilema citado, foi bastante presente durante o trimestre que lecionei, alguns estudantes assumindo as tarefas e outros tentando escapar delas. Mais tarde, iria descobrir que os estudantes menos envolvidos nas etapas iniciais do projeto se envolveriam em atividades mais ligadas aos aparelhos tecnológicos como a filmagem com celulares e edição e finalização dos vídeos com os computadores da sala de informática.

6.6. AULA 6: continuação da Aula 5

Mesmo em grupo com diversas cabeças pensantes, ou justamente por estarem em grupo e as cabeças pensantes não estarem dispostas ou se distraírem com facilidade, a criação do roteiro foi lenta, com competições internas e disputas por ideias.

Na prática, o que acabou acontecendo foi que na maioria dos grupos, um estudante acabou assumindo a tarefa de criação e escrita do roteiro. O que

me fez pensar, agora vendo a distância dos acontecimentos, que a tarefa de criação dos roteiros poderia ser individual, com uma posterior votação ou escolha do mais adequado para a decisão em grupo e utilizando, como já foi citado anteriormente, outras técnicas para sua execução com exercícios práticos como disparadores da ideias.



Imagens 27 e 28: fotografias da turma Amora 2B do ensino fundamental do Colégio de Aplicação de Porto Alegre/RS em atividade de Roteiro II: criação dos grupos de trabalho

Com suas devidas exceções, a atividade em grupos grandes pode parecer, em um primeiro momento, ineficaz, caótica ou desorganizada. Porém por outro lado, ela pode ter grande potencial criativo. A partir da construção

coletiva pode-se dividir dúvidas e compartilhar conhecimentos, buscando a resolução de problemas em equipe a partir da pesquisa e da discussão.

Nos momentos em que propus trabalhos com grupos grandes, com cinco ou mais integrantes, estava ciente que isso poderia gerar algumas dificuldades na execução de tarefas planejadas. Porém, o desafio de trabalhar com grupos grandes fazia parte do projeto. No cinema ou na publicidade, as equipes são grandes e os motivos geradores de problemas de relacionamento e comportamento não são tão diferentes do que encontrei na escola, estando normalmente relacionados a disputa de liderança, por ideias e vaidades.

Além disso, podemos pensar nos integrantes dos grupos e as “personagens” estereotipadas que assumem diante a turma e precisam, por diversas razões manter: o piadista, a inteligente (*nerd*), o criativo, o bagunceiro *bad boy*, etc.

A construção do roteiro continuou por mais aulas, alguns estudantes rapidamente resolveram e puseram suas ideias e as organizaram no papel, outros acabaram mudando completamente a história na hora de filmar, abandonando a ideia inicial do início do trimestre.

Mesmo com dificuldades relacionadas à construção, uma mudança, uma evolução na estrutura dos roteiros em relação aos primeiros criados na aula 1 aconteceu, os termos e vocabulário específicos do audiovisual começaram a entrar na rotina dos estudantes, facilitando nossa comunicação durante o restante do processo. Entre os novos termos apreendidos pelos estudantes podemos citar o desenvolvimento dos conceitos de:

- a) Ideia
- b) Argumento
- c) Roteiro
- d) *Storyboard*
- e) Direção de fotografia
- f) Direção de arte
- g) Direção de cena
- h) Personagem
- i) Atores coadjuvantes

- j) Atores protagonistas
- k) Figuração
- l) Figurinos
- m) Cenário
- n) Locações
- o) Cena externa, cena interna
- p) Tomada
- q) Plano
- r) Enquadramento
- s) Som
- t) Trilha sonora
- u) Efeitos sonoros
- v) Diálogos

6.7. AULAS 7 E 8: Criação do *Storyboard*

OBJETIVO: Oferecer ao estudante noções sobre *Storyboard*. Criar um *Storyboard* de um vídeo.

O encontro teve 2 momentos:

1) Foram apresentados modelos de *Storyboard*, mostrando que este deve conter: imagens que mostrem como a ideia será contada, os sons que irão ser utilizados, diálogos, etc.

2) Os grupos deveriam dividir as cenas do roteiro criado entre os elementos do grupo para a criação dos desenhos e escritos que iriam compor o *Storyboard*. Tarefa para aula 9: trazer peças de roupas, revistas, perucas e objetos que possam ser utilizados para a filmagem do vídeo.

AS DIFICULDADES DO TRABALHO: Trabalho em grupo é sempre lugar de disputa de egos e conflitos entre integrantes, além de bastante conversa. O que leva, em boa parte das vezes, a muita dispersão e falta de concentração para a atividade proposta. Normalmente, quando fazemos um projeto temos um processo com um resultado final em mente, em função de uma lógica de produção vigente, associada à produção industrial muito presente dentro das instituições de ensino, em especial à escola. Criar a partir de uma metodologia

que privilegie o processo de cada indivíduo, que não tenha em mente como principais objetivos os resultados e desempenhos imediatos esperados pelos pais e professores pode ser revolucionário, mas me parece ainda não caber dentro da lógica da maioria das instituições de ensino e não parece estar dentro da lógica da própria formação docente.

O professor tem um cronograma para cumprir e os alunos devem seguir as etapas acompanhando o seu projeto, sem “ficar para trás”. A figura de autoridade presente na figura do professor normalmente se faz necessária para os estudantes, às vezes, obrigatória. Essa figura de autoridade está em uma linha tênue, entre o respeito conquistado pelo professor de maneira natural e pela sua imposição pela repressão, ameaças e gritos. Assim como na realidade macropolítica, a democracia é sempre mais complexa e exige mais tempo de dedicação, devendo basear-se no diálogo, na escuta e no respeito mútuo, enquanto nos regimes totalitários a ordem se baseia no autoritarismo, parecendo em um primeiro momento, obter um resultado mais rápido.

Desta vez, propus que os integrantes do grupo trabalhassem individualmente em cada cena do *Storyboard* e no final, juntassem seu trabalho com os dos demais colegas de grupo formando todo o conjunto. Cada integrante do grupo ficou responsável por uma cena do vídeo, uma página do *Storyboard*.

DILEMAS DO DIA:

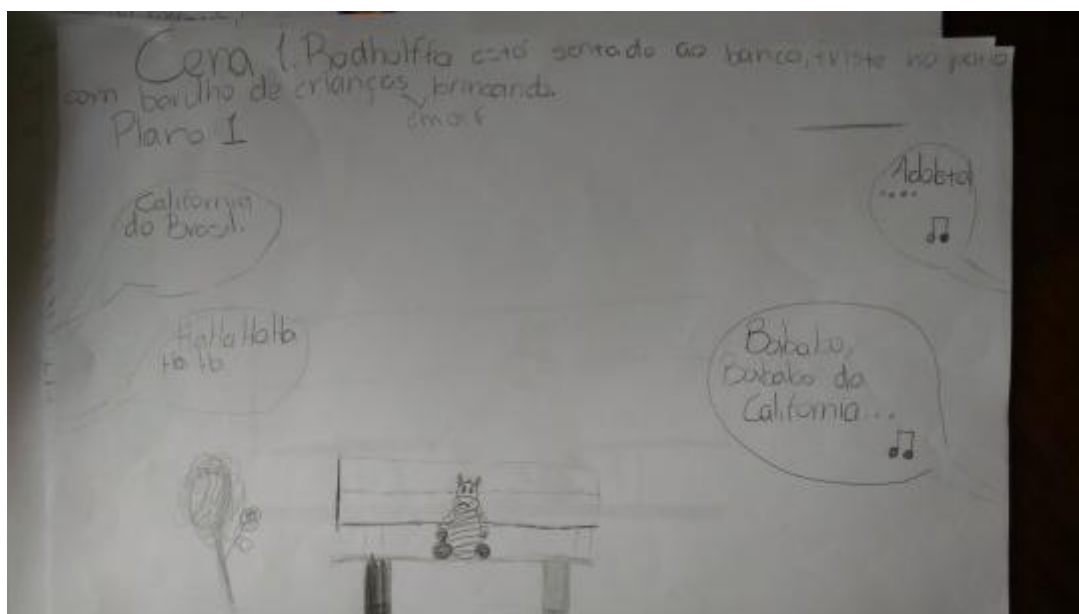
1. Como o docente deve trabalhar um conteúdo tão rico e diverso como o audiovisual dentro da escola sem reproduzir os mesmos padrões de comportamento estabelecidos dentro do universo escolar como o abuso de autoridade, controle e aulas verticais?

2. Como propor liberdade criativa sem que os estudantes inconscientemente reproduzam estereótipos e fórmulas prontas tão acessíveis a estes jovens através dos meios de comunicação?

A função do *Storyboard* é: a partir do roteiro escrito pelos estudantes, organizar a sequência de cenas e planos a serem executados na hora de filmar, utilizando desenhos simplificados como referências de enquadramento, posição de câmera, número de personagens na cena, diálogos, locação,

objetos, figurinos e outras informações que forem importantes ou pertinentes na hora da gravação. A partir dos desenhos, se concebe uma pré-visualização da cena ou de uma sequência de cenas através do *Storyboard*. Pedagogicamente ele serve, entre outras coisas já citadas, para auxiliar a compreensão de todos os envolvidos nas filmagens a concretização dos elementos abstratos do roteiro escrito, além de funcionar como organizador das ideias e do processo de filmagem, facilitando o momento da gravação.

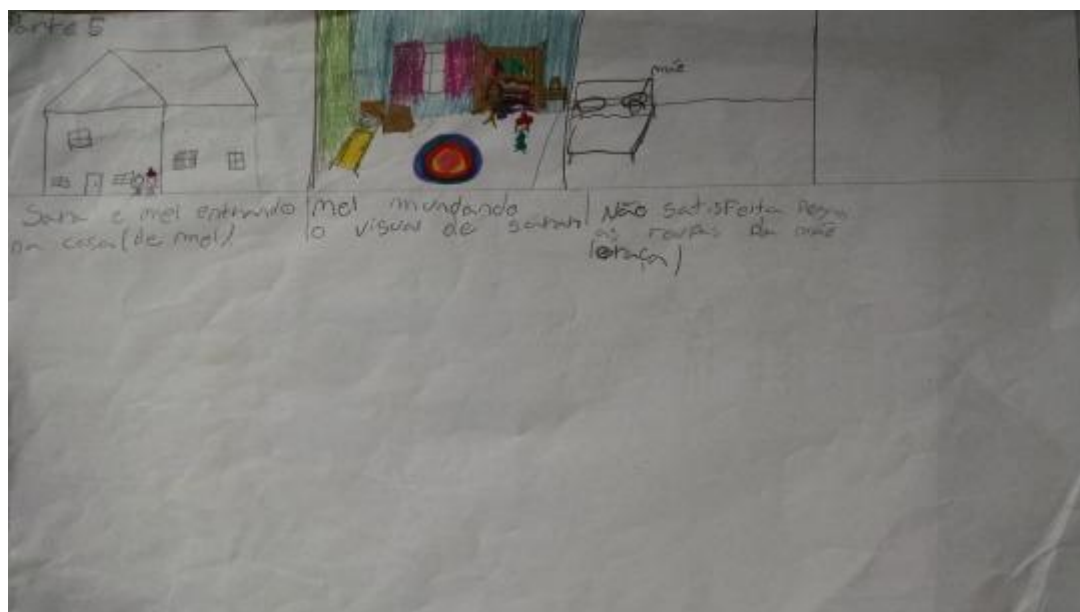
Alguns exemplos de storyboards construídos em sala de aula:





Imagens 29, 30 e 31: fotografias do trabalho de alunos da turma Amora 2B do ensino fundamental do Colégio de Aplicação de Porto Alegre/RS em atividade de storyboard





Imagens 32 e 33: fotografias do trabalho de alunos da turma Amora 2B do ensino fundamental do Colégio de Aplicação de Porto Alegre/RS em atividade de storyboard





Imagens 34 e 35: fotografias do trabalho de alunos da turma Amora 2B do ensino fundamental do Colégio de Aplicação de Porto Alegre/RS em atividade de storyboard

6.8. Aula 9: Elementos da Produção - Cenografia/ Figurino/ Locações

OBJETIVO: Conhecer os elementos que compõem a direção de Arte.

1) Em um primeiro momento os grupos deveriam explorar o espaço da escola e fotografar possíveis cenários/locações, e a partir disso seriam planejadas as locações para gravar os seus vídeos, entre eles as opções eram: o pátio da escola, espaços dentro da sala de artes, teatro ou dança, além dos corredores, entre outros.

2) Em um segundo momento, os grupos retornariam para a sala de Artes e trabalhariam nos objetos e figurinos: objetos/adereços/roupas que estivessem disponíveis em sala de aula ou nos materiais das aulas de teatro, objetos/adereços/roupas que eles trouxeram de casa ou que precisavam ser construídos (aprox. 50min). A proposta inicial incluiria a oferta de algumas técnicas para confecção de peças com materiais simples e baratos que pudessem ajudar os alunos a contar suas histórias: perucas com lã, barbante ou papel; confecção de figurinos (parangolé) em TNT; máscaras de papel machê; objetos com argila ou recortes, etc

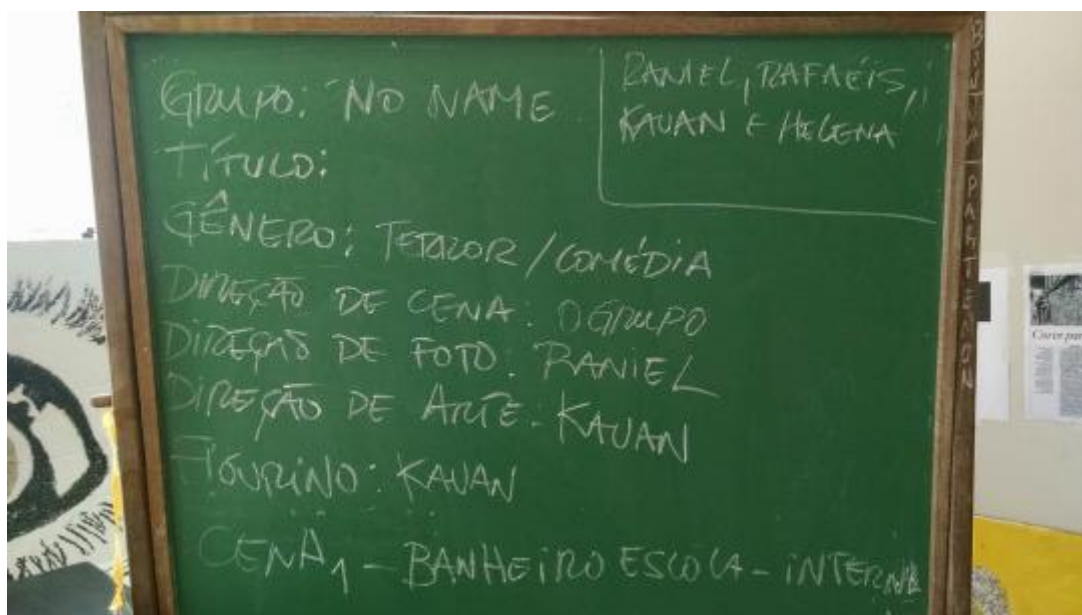
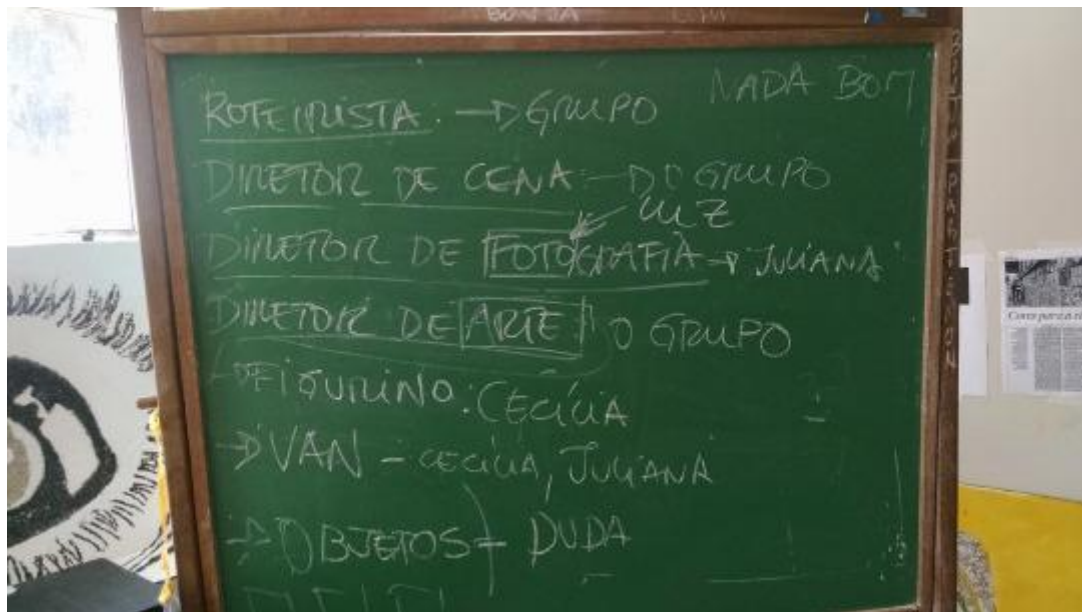
Na prática, não foi viável cumprir o cronograma, tive que excluir esta aula do projeto. O tempo começou a ficar apertado, próximo das filmagens e

alguns dos roteiros ainda não estavam prontos. Em conversa com a professora de Teatro, Mônica Bonatto, decidimos ver as locações escolhidas pelos estudantes, ensaiar com eles as posições de câmera e como iriam resolver seus enquadramentos, além de definir locações e figurinos. Paralelamente, os estudantes que ainda não haviam terminado seus roteiros teriam que fazê-lo. Antes disso, já havíamos feito combinações e distribuição de funções para cada estudante para que pudessem cumprir suas tarefas de maneira organizada.

Cabe aqui uma avaliação crítica a respeito das aulas de roteiro. Tenho dúvidas do porquê da dificuldade da sua criação por parte dos estudantes. Creio que seja uma somatória de motivos. O primeiro poderia ser fruto da falta de exercício de leitura e escrita, o que levou a maioria dos estudantes a não se interessar ou menosprezar a tarefa, se sentindo pressionados a realizar uma atividade que não possuem segurança em executar. Acredito que esta atividade poderia ter o suporte e a ajuda de um professor de português ou de literatura da escola por exemplo. Seja trabalhando interdisciplinarmente ou auxiliando em horários alternativos. A criação de roteiros exige bastante tempo, concentração e esforço dos estudantes, e nela vejo um grande potencial de estímulo à criatividade e exercício da escrita que poderia ser muito melhor aproveitado dentro de sala de aula.

Segundo, o fato de que, na maioria dos grupos, um ou dois de seus representantes assumiu a tarefa, levando os outros elementos a se sentirem sem responsabilidade pela construção e invenção do exercício proposto. Eu solicitei e cobrei diversas vezes a participação de todos os integrantes, dando tarefas distintas para cada um, sem uma resposta consistente.

Terceiro, entre as técnicas que escolhi para trabalhar em sala de aula a que menos tenho conhecimento e prática é a de criação de roteiros. Obviamente busquei informações e materiais que me auxiliassem a desenvolvê-los com os estudantes, mas mesmo assim, tenho a impressão que boa parcela da dificuldade e demora dos estudantes em realizar esta tarefa seja consequência da minha pouca prática na sua produção e na sua utilização de maneira pedagógica.



Imagens 36 e 37: fotografias da divisão de funções para as filmagens dos alunos da turma Amora 2B do ensino fundamental do Colégio de Aplicação de Porto Alegre/RS.

6.9. AULAS 10, 11, 12, 13 e 14: Filmagem I e II: Processo de filmagem do vídeo dos grupos

OBJETIVO: Exercitar as técnicas de filmagem aprendidas nas aulas de audiovisual com o objetivo de gravar o vídeo fruto do projeto construído em grupo durante o trimestre.

Nos primeiros encontros foram iniciadas as filmagens dos vídeos de cada um dos grupos de estudantes, com exceção daqueles que ainda não haviam finalizado o roteiro. Estes grupos foram para a sala de Teatro junto à professora Mônica Bonatto para finalizar a tarefa que era pré requisito para a filmagem. Procurei orientá-los quanto aos aspectos técnicos e teóricos do vídeo enquanto a professora de teatro dirigia seus ensaios. Neste ponto, os estudantes puderam pôr em prática todos os conhecimentos construídos ao longo dos encontros anteriores.

Durante os dias de filmagens pude contar com a colaboração das duas professoras titulares, uma de Teatro e a outra de Artes Visuais junto comigo, todo o tempo. Nas outras aulas que trabalhei em conjunto com a professora de Teatro, seis ao total, somei seus horários de aula aos meus. Este fato viabilizou a execução do meu projeto. Sem a possibilidade de expandir os horários e a ajuda das professoras titulares, não seria possível executar todo o cronograma planejado, devido a sua complexidade e diversidade de temas.

Nós nos dividimos, cada professor com um ou dois grupos. As tarefas dos grupos foram filmadas em locais distintos nas dependências da escola. Pátio, sala de aula convencional, sala de teatro, bar e fachada da escola. Não tive tempo de tirar nenhuma fotografia para registrar a aula, infelizmente. Eram cinco grupos filmando em diferentes partes da escola simultaneamente, eu me envolvi muito com o fazer dos estudantes, auxiliando e orientando, não consegui parar para nem para fotografar.

Procurei sempre lembrá-los dos exercícios e práticas das aulas anteriores, falando da importância do projeto como um todo, onde cada etapa, representada em cada aula, estaria presente no processo de filmagem e na posterior edição onde o resultado de todo o processo de criação apareceria.

Apesar dos inúmeros avisos durante as aulas e no grupo do Facebook informando os estudantes para não esquecerem de trazer celulares carregados e com bastante memória, o carregador, os objetos, figurinos, seus roteiros e storyboards, muitos esqueceram. Inclusive ocorreu um caso muito engraçado, pois um dos bons roteiros produzidos pelos estudantes foi escrito contando com a participação de um bichinho de pelúcia

que uma das estudantes sempre trazia à escola, o personagem Rodolpho. No dia da filmagem, a menina esqueceu. O grupo, após alguns minutos de vergonha, tensão e apatia, acabou optando em trabalhar com uma câmera subjetiva da visão do personagem no primeiro dia de filmagem, deixando os planos em que era insubstituível sua aparição frente à câmera, para o segundo dia.

A professora Mônica Bonatto criou um grupo no WhatsApp para que nós três nos comunicássemos, trocássemos informações ou pedíssemos ajuda enquanto os cinco grupos filmavam em locais distintos. Nós nos revezamos para que eu pudesse ficar um pouco com cada grupo, para orientar a respeito de planos, enquadramentos, movimentos de câmera e iluminação das cenas. Além disso, era importante que os estudantes, ao filmar, já pensassem na edição para evitar problemas de montagem e continuidade.



Imagem 38: fotografia da divisão de funções para as filmagens dos alunos da turma Amora 2B do ensino fundamental do Colégio de Aplicação de Porto Alegre/RS

A tendência da maior parte dos grupo foi sempre fazer um plano sequência, um plano que conta a história toda, com poucos ou nenhum corte. Como não estão acostumados ao exercício da edição, pensando em uma narrativa que seja predominantemente visual ou em planos diferentes para cada momento da cena, procurei alertá-los ao pensar nestas possibilidades, contextualizando o local onde acontece a cena com um plano master ou valorizando os diálogos com closes, por exemplo.

Outra tendência era trabalhar com a câmera do celular no sentido vertical, muito comum em redes sociais e mais popular entre os jovens pela própria ergonomia do aparelho que induz à utilização da câmera neste sentido. Já havíamos conversado e trabalhado com estas questões acima

mencionadas, mas elas voltaram a acontecer. Não há problema em filmar no sentido vertical, só é preciso estar consciente das características e da decisão na hora de captar e se fará sentido para o projeto como um todo. A maioria das plataformas digitais que suportam vídeos, em função do padrão estabelecido, tem espaço em formato de telas 16x9. Quando se produz um vídeo em 9x16 em espaços 16x9 na hora de importar o vídeo para um programa de edição sobram duas grandes listras verticais pretas em cada lado. Podemos preencher os espaços vazios com outros elementos, com o fundo do próprio vídeo captado ou outros. Mas é fundamental que isso tenha sido pensado com antecedência, que tenha coerência com a proposta. Podemos trabalhar o vídeo de diversas maneiras, formatos, etc. O importante é estar consciente na hora de filmar, já antevendo características e problemas de edição, as suas plataformas de divulgação.

DILEMAS DO DIA:

1. Até que ponto é viável e produtivo trabalhar com liberdade de escolha para os estudantes? Será que os pré-adolescentes, na sua maioria, possuem maturidade e responsabilidade em trabalhar assim? Deveria eu ter pré-selecionado temas para a criação dos roteiros?

2. O bom andamento ou não de uma aula se deve a muitos fatores e cabe ao professor fazer uma avaliação complexa e rápida durante o decorrer da aula: que rumos ela está tomando, em que direção vai. Confesso que em muitos momentos fiquei confuso ou frustrado por não conseguir envolver os estudantes em algumas das propostas de aula. Soma-se a isto a minha falta de experiência em antever situações que poderiam ser contornadas ou de que maneira poderiam ser revertidas, fez falta a famosa “cancha”.

3. Até que ponto interferir na criação dos vídeos dos estudantes? É preciso estar muito atento ao que os integrantes dos grupos estão pensando ao executar as filmagens para não interferir de maneira desrespeitosa no seu trabalho, correndo o risco de desestimulá-los na sequência e o andamento do processo.

4. O que pode ser fruto do acaso ou intuição? O que pode ser uma repetição sem reflexão de referências óbvias e estereótipos e clichês?

Os estudantes com os quais trabalhei, na sua maioria, tem acesso a redes sociais e bons aparelhos celulares. Mas conhecem pouco seus equipamentos e possibilidades técnicas e criativas que as tecnologias podem proporcionar e raramente as utilizam como ferramenta de aprendizagem, ou seja, para esclarecer uma dúvida relacionada à educação formal.

Durante o projeto busquei informá-los e com eles conversar sobre as possibilidades e variáveis tecnológicas para otimizar o proveito que as ferramentas digitais podem nos proporcionar.

A impressão que fiquei é que quando o estudantes esqueceram que estavam no ambiente escolar, e isso as atividades de ordem prática proporcionaram dentro deste grupo de jovens, eles se sentiram mais à vontade para criar. O ensino que vem da escola é visto, aparentemente, em grande parte das vezes, como algo chato ou sem graça em detrimento de outras atividades que praticam que não estão no currículo escolar, como a utilização das redes sociais e os games, por exemplo.

O audiovisual na escola pode ser uma aula diferenciada no conteúdo, mas se a forma de propor as atividades pedagógicas e os métodos representarem a repetição dos padrões convencionais de educação na escola, pode se tornar tão tedioso quanto a mais tediosa das disciplinas.

Neste período de estágio, quando posto em situações de maior pressão, confrontado ou ignorado pela turma, sempre tive dificuldade em exercer o papel de autoridade em sala de aula. Busquei sempre conversar, propor as atividades de maneira participativa e colaborativa, falar a respeito da importância das aulas, da diversidade e riqueza dos conteúdos que eu estava apresentando.

No entanto, houve um dia no qual uma menina me questionou o porquê de eu não mandar um dos estudantes para fora da sala de aula e repreendê-lo pelo seu comportamento inadequado, pois eu já havia pedido que ele prestasse atenção nas coisas que eu estava falando e que não distraísse o restante da turma conversando sobre outros assuntos.

Ao analisar uma das aulas na turma amora 2B do meu estágio durante a disciplina de estágio II, relatei aos meus colegas um evento em sala de aula

sobre um momento no qual eu não estava sendo ouvido pela turma. Ao subir na mesa, talvez inconscientemente, reproduzindo a famosa cena em que Robin Williams fez no filme *Sociedade dos poetas Mortos* e achando que, assim como o protagonista daquela história, seria ouvido e admirado pelos estudantes, percebi automaticamente que o meu ato romântico clichê não fez a menor diferença para eles. Me senti só, ou melhor, invisível como alguém que se propôs a estar desenvolvendo uma atividade coletiva e foi completamente ignorado, mesmo subindo na mesa e gritando para ser ouvido.

Obviamente, durante o estágio, tive que mudar minha postura ao conduzir as atividades dentro de sala de aula. No momento em que se está dentro da escola, fica difícil não fazer parte desta lógica, pois ela está tão profundamente arraigada em nossas estruturas de pensamento e comportamento que, muitas vezes, automaticamente, a reproduzimos.

As filmagens seguiram, consegui orientar de maneira efetiva alguns dos grupos. Agora já consigo lidar melhor com os momentos de desatenção e euforia dentro da sala de aula, equalizando melhor disciplina e liberdade para os estudantes. Pude perceber que a metodologia que mais funcionou é a que prioriza o estímulo, a conversa e escuta atenta às necessidades individuais de cada estudante, por mais que seja difícil dentro do contexto escolar. Além disso, a explicação dos porquês teóricos, do que se faz enquanto se filma, na hora que está acontecendo foi muito efetivo para que os estudantes conseguissem entender aonde eu estava querendo chegar ao conseguir aliar a teoria e a prática. A melhor maneira de entender teoricamente as relações de posição de câmera e enquadramentos e como eles irão ser montados posteriormente em um software de edição, é mostrar algumas das possibilidades enquanto está sendo filmado, na hora que está acontecendo, na prática.

6.10. AULAS 15 E 16: Edição I e II.

CONTEÚDOS: Noções básicas de moviemaker: o corte; efeitos básicos; locução em off; exportação do vídeo.

OBJETIVO: Experimentar técnicas básicas de edição de vídeos.

Em um primeiro momento expositivo, foram apresentados os recursos básicos do software Windows MovieMaker para os alunos e, em um segundo momento, eles iniciaram o processo de edição dos vídeos, finalizando na aula II de edição.



Imagem 39: fotografia do laboratório de informática utilizado para as aulas de edição e finalização dos vídeos executados pelos alunos da turma Amora 2B do ensino fundamental do Colégio de Aplicação de Porto Alegre/RS

As aulas de edição foram executadas com o software Windows Moviemaker, na sala de laboratório de informática e iniciaram com um pouco de atraso, pois nem todos os estudantes haviam terminado suas filmagens até o momento do primeiro encontro de edição. Enquanto os que já estavam com o material filmado pronto para editar ficaram no laboratório, outros tiveram o prazo estendido.

O processo de produção de um vídeo é bem demorado, o que gerou surpresa em alguns dos estudantes que imaginavam um trabalho mais simples. Tentei sempre chamar suas atenções para este mecanismo, a construção de um audiovisual e suas etapas e que cada etapa tinha suas características específicas e grande importância dentro de todo o processo.

A edição, assim como as filmagens, era uma das etapas mais aguardadas por parte da turma. Alguns dos estudantes que pouco se envolveram nas atividades anteriores, se mostraram muito dispostos e animados em trabalhar na montagem dos filmes, assumindo a função de editor em seus grupos.

Descobri, ao longo do trimestre, que estes jovens acima citados, tinham muita facilidade e gostavam muito de games e informática, alguns deles, inclusive, tinham muita dificuldade em se adequar às atividades manuais propostas, relutando em executá-las. Por outro lado, durante o processo de edição eles foram responsáveis em seus grupos por montar, procurar músicas para as trilhas de seus filmes e fazer créditos e, ao contrário das atividades anteriores, as realizaram com muito prazer e concentração.



Imagem 40: fotografia do laboratório de informática utilizado para as aulas de edição e finalização dos vídeos executados pelos alunos da turma Amora 2B do ensino fundamental do Colégio de Aplicação de Porto Alegre/RS

A maior dificuldade de ordem prática destas aulas foi conseguir reunir todo o material gravado em alta resolução, pois eles acabaram não conseguindo, esquecendo ou não gravando seus arquivos em pendrives ou outros dispositivos de armazenamento de dados. A maioria dos trabalhos foi

compartilhado entre eles pelo WhatsApp, que comprime bastante os arquivos. Não creio isto que tenha sido determinante, pois os trabalhos ficaram apenas com qualidade mais baixa, com menor resolução do que se estivessem sido editados com seu material bruto.

Durante o trimestre no qual lecionei, procurei fazer do nosso grupo no Facebook uma extensão das aulas, com dicas, sites de pesquisa e tutoriais, um banco de material para a consulta dos estudantes. Antes de iniciar o processo de edição, por exemplo, enviei um tutorial do Moviemaker para os estudantes, mas ninguém o utilizou. Acredito que aulas específicas sobre computação, entender as diferenças entre softwares de edição de imagens e de textos, aprender a organizar sua área de trabalho, entender a lógica de arquivos, pastas e subpastas acrescentariam muito na formação dos estudantes. Partimos muitas vezes do senso comum de que as novas gerações sabem intuitivamente mexer com computadores e tecnologias digitais. Discordo totalmente. No meu modo de ver, a grande maioria deles, mesmo tendo acesso à tecnologia e informação não fazem um uso consciente e proveitoso destes meios.

Obviamente, estes adolescentes e crianças, tendo já nascido com tecnologia digital ao seu alcance, tem mais facilidade em compreender sua lógica operacional, porém, notei que a grande maioria dos estudantes são muitos ansiosos, não pensam antes de “clicar” e não trabalham com os computadores como uma ferramenta educativa ou de pesquisa para a educação formal. Isto ficou claro quando criamos o grupo fechado da turma no *Facebook* e poucos respondiam ou acessavam meus posts e na dificuldade que tiveram na hora de baixar os arquivos gravados no computador para iniciar a montagem ou de criar uma pasta específica para seu projeto.



Imagem 41: fotografia do laboratório de informática utilizado para as aulas de edição e finalização dos vídeos executados pelos alunos da turma Amora 2B do ensino fundamental do Colégio de Aplicação de Porto Alegre/RS

As aulas de edição foram bem animadas, os estudantes se envolveram. A maioria deles não queria que eu acompanhasse durante muito tempo as edições para que o resultado final fosse uma surpresa, não queriam dar *spoiler*. Se divertiram muito, principalmente vendo aquilo que não tinha dado certo na hora da filmagem, os erros de gravação. Alguns grupos os incluíram no final do vídeo.

6.11. AULA 17: Finalização do projeto

Última aula. Acabei dando mais aulas do que havia planejado, o estágio exigia 20 horas aulas para cada turma, no caso desta planejei 24, fiz 30. Dia de reunir todos na sala de teatro, assim como na primeira aula, só que desta vez, para assistir os vídeos por eles produzidos.

Dois grupos da turma ainda estavam editando, ficaram no laboratório enquanto os outros, junto com a professora Aline, se encaminharam para a sala de teatro, então fizemos duas sessões, uma para os estudantes que já haviam finalizado suas edições e uma segunda para aqueles que estavam finalizando.



Imagem 42: fotografia corredor da escola que dá acesso ao laboratório de informática, turma Amora 2B do ensino fundamental do Colégio de Aplicação de Porto Alegre/RS

Estavam muito excitados, agitados e apreensivos para assistir seus filmes, foi difícil fazê-los parar de conversar. Depois de alguns minutos se acalmaram, vibraram bastante com seus vídeos e aplaudiram os realizados pelos colegas, respeitando a vez cada grupo apresentar.

Os roteiros, criados com relativa dificuldade, alguns definidos somente na hora de filmar, foram bem variados quanto ao seus gêneros: Comédia, comédia romântica, terror e aventura. Alguns grupos fizeram questão de incluir os erros de gravação, o que gerou bastante diversão no final de cada filme.

Em meio às referências claras aos conteúdos audiovisuais que costumam consumir, como séries, novelas e filmes da indústria de cinema norte americana, podemos ver em alguns momentos a criatividade e originalidade de alguns estudantes dando personalidade para seus trabalhos autorais.

Fiquei surpreso com resultado, especialmente de dois filmes, um de terror e outro sobre relacionamento entre colegas e a vida escolar. As meninas deste segundo grupo mencionado, chamado “nada bom”, se dedicaram para construir a história, filmar e editar. Apesar de ser um pouco previsível, com claras referências nas tramas de filmes americanos para público adolescente,

trabalharam bem no *Storyboard*, fizeram um curta bem resolvido, com momentos engraçados e coerentes com o roteiro.

O filme de terror, no meu modo de ver, ficou muito bom. O grupo “não zeí” foi um dos grupos que em um primeiro momento deixou muitas tarefas a critério de um único integrante, como a criação do roteiro e do *Storyboard*, mas na hora das filmagens e da edição, além da escolha da trilha sonora e créditos finais, se dividiram muito bem. Construíram um filme coerente tanto na captação, a partir de uma câmera subjetiva em plano sequência que vai aos poucos ficando mais nervosa quando a tensão vai aumentando, quanto na iluminação e na montagem, utilizando uma única fonte de luz, cortes secos e *fades*. Além da escolha acertada da trilha sonora e créditos finais para um filme de terror.

Infelizmente o dispositivo de armazenagem onde os filmes da turma ficaram, o hd externo da professora Mônica Bonatto estragou antes que eu pudesse resgatar os trabalhos dos estudantes. Somente um dos grupos conseguiu postar o resultado final de seu trabalho no grupo da turma no *facebook* e os *backups* que estavam nos computadores do laboratório de informática foram apagados.

Notei que é muito importante, como professor de audiovisual, estar o maior tempo possível junto aos estudantes, orientando, sugerindo e questionando a todo momento. Além disso, é fundamental explicar enquanto se pratica, proporcionando aos estudantes uma pré-visualização da montagem da cena que estão construindo na hora da filmagem. A partir do exercício prático acompanhado pelo professor é possível tornar mais acessíveis as explanações teóricas e abstratas relativas ao conteúdo, além de exercitar o vocabulário específico do audiovisual.

Ao ver que o rendimento do aprendizado da turma depende muito da presença constante do professor junto aos estudantes e que não foi possível dar atenção individualizada para todos eles me questiono:

1. Os disparadores de interesse e aprendizado não são os mesmos para todos os estudantes. Como trabalhar com uma turma tão heterogênea?

2. Como construir uma aula teórico/prática que envolva a maioria dos estudantes, sem dispersão e conversas paralelas, a partir de exemplos práticos em sala de aula, sem torná-lo monótono?

A última aula foi uma aula normal, sem comemorações e grandes discursos emocionados ou choro de despedida. Gostei muito da experiência e espero ter compartilhado experiências relevantes junto destes jovens. Assim como no audiovisual, a teoria é importante, mas a prática docente se aprende na sala de aula, fazendo, errando, acertando e voltando a errar no intuito de aprender junto com a turma, com cada indivíduo.

Encontrei algumas adversidades na escola que trabalhei, alguns problemas estruturais, falta de interesse de parte de alguns estudantes e professores, alguns deles com depressão e problemas familiares, além de paralisações e greves justas e necessárias dentro de um contexto político complexo que se intensificou no ano de 2016. Nenhuma destas dificuldades entretanto foi suficientemente grande para impossibilitar minha experiência plena como professor estagiário. Agradeço às professoras do colégio de Aplicação que me receberam muito bem e que me deram suporte técnico e emocional ajudando a tornar meu estágio uma experiência agradável, Mônica Bonatto, Aline Becker e Simone Fogazzi e à professora das disciplinas de Estágios I e II, Luciana Loponte pelos questionamentos, sugestões e críticas ao meu trabalho, além é claro, da generosa orientação do meu trabalho de conclusão da professora Paola Zordan.

A realidade na escola é sempre diferente do universo das ideias sobre a escola. A realidade de cada comunidade, cada bairro, cada sala de aula, das famílias envolvidas e de cada indivíduo. Eu já imaginava que o dia-a-dia na sala de aula como professor seria diferente do que projetei. Distante de algumas das teorias acadêmicas, diferente do estágio de observação, diferente da minha vida como estudante de escola básica. Mas entre a imaginação e a realidade existe um grande abismo, tanto que a cada aula, a cada momento do projeto, um dilema se apresentava. A realização do meu projeto de ensino é a síntese do que mencionei anteriormente, aquilo que se imagina e aquilo que é viável fazer.

Considero a minha falta de experiência e de conhecimentos práticos na área de licenciatura como o principal limitador das minhas próprias ações dentro da sala de aula. Esta falta de experiência só colaborou para a aumentar as certezas de que a profissão docente precisa ser mais valorizada e que não pode ser exercida por pessoas sem preparo, sem condições técnicas, pedagógicas e emocionais e de que de ser muito bem remuneradas.

7. DILEMAS DE ESTÁGIO

Síntese dos dilemas que surgiram durante o período de estágio II:

a) Como dar aulas com conteúdo teórico específico a partir de exemplos já conhecidos, seguidos de aula prática, sem induzir os estudantes a apenas reproduzir o que viram e escutaram?

b) Como propor exercícios que desenvolvam a criatividade sem fórmulas prontas?

c) Como o docente deve trabalhar um conteúdo tão rico e diverso como o audiovisual dentro da sala de aula sem reproduzir os mesmos padrões estabelecidos dentro do universo escolar e dos meios audiovisuais?

d) Como propor liberdade criativa subvertendo a reprodução de estereótipos e fórmulas prontas tão acessíveis a estes jovens através dos meios de comunicação?

e) É possível desconstruir os estereótipos e clichês a partir dos próprios?

f) Até que ponto é viável e produtivo trabalhar com liberdade de escolha para os estudantes? Será que os adolescentes, na sua maioria, possuem maturidade e responsabilidade em trabalhar assim?

g) A aprendizagem com liberdade se dá a partir do estímulo constante de seu exercício. Me pergunto se estes jovens são estimulados pela família a refletir e questionar o mundo ao seu redor.



Imagem 43: Fotografia produzida durante a aula 7 da turma amora 2b, introdução ao storyboard, ano 2016. Acervo Pessoal.

8. CONCLUSÃO

O bom andamento ou não de uma aula se deve a muitos fatores e cabe ao professor fazer uma avaliação complexa e, ao mesmo tempo, rápida durante o decorrer da aula, para entender que rumos ela está tomando, aonde se pode chegar. Confesso que em muitos momentos fiquei confuso ou frustrado por não conseguir envolver os estudantes em algumas das propostas de aula. Somado a isto a minha falta de experiência em antever situações que poderiam ser contornadas ou de que maneira poderiam ser revertidas foi determinante em alguns momentos.

A minha trajetória e referencial na escola básica são tradicionais: aulas expositivas, quadro negro e cópia, professor fala e aluno escuta quieto, passivo. Apesar da metodologia tradicional, muito presente na minha formação de estudante da escola básica, tentei produzir um contraponto dentro da minha própria experiência docente, buscando uma metodologia horizontal, dialogando e trocando com os estudantes informações e ideias que convergissem para

uma construção coletiva. Por outro lado, alguns alunos, em momentos específicos, me pediram diretamente que eu fosse mais duro e autoritário com colegas que não se comportavam dentro dos padrões, que não colaboravam com um andamento da aula. Esta mentalidade ainda é majoritária dentro da instituição escolar e está muito introjetada nas estruturas internas de pensamento dos estudantes. Poucos sabem lidar com liberdade e com a figura de um professor que trabalhe dentro de uma proposta democrática, colaborando com a construção da aula de maneira participativa e engajada.

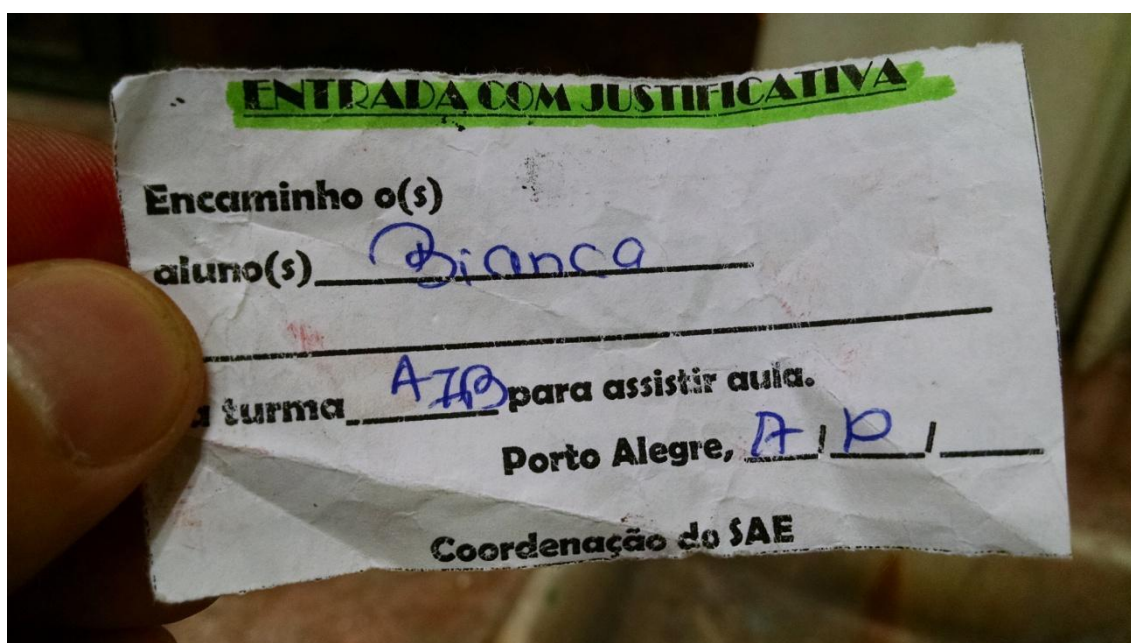


Imagem 44: Fotografia de bilhete de permissão de entrada em sala de aula com atraso, turma Amora 2b, ano 2016. Acervo Pessoal.

Vendo o projeto como um todo, agora consigo enxergar melhor seus pontos fortes, pontos fracos, erros e acertos ao longo do estágio. Acredito que um projeto visando ensinar audiovisual na escola deveria ser mais extenso, durar mais tempo e envolver outras disciplinas que possam trabalhar conteúdos paralelamente. Apesar das diferentes linguagens audiovisuais que os estudantes têm acesso, como novelas, séries, filmes, animações, telejornais, vlogs, entre outros, a criação de uma peça audiovisual a partir de um roteiro original, trabalhado em grupo, é uma experiência única.

O exercício do processo teórico e técnico da construção do audiovisual, aliado à autonomia e pensamento crítico, é um método necessário para conscientização dos indivíduos que compõem uma sociedade cada vez mais dependente da imagem. O audiovisual é construído, para o bem ou para o mal, somando planos e imagens, criando-se camadas de sons, pensando no porquê de cada posição de câmera, tamanho de plano e objetivas a serem utilizadas, nas cores do cenário, nos tons da iluminação e na emoção da trilha sonora e efeitos. Acredito cada vez mais na necessidade de uma alfabetização audiovisual com a intenção de formar indivíduos capazes de filtrar as informações que tem acesso e compreender de que maneiras podemos ser induzidos ou manipulados pelas linguagens audiovisuais e por outro lado, como utilizá-lo de forma produtiva e educativa.

Agora consigo lidar melhor com os momentos de desatenção e euforia dos estudantes dentro da sala de aula, alternando momentos que exigem maior disciplina e outros onde é possível trabalhar com mais liberdade. Constatei que a metodologia que mais funcionou foi a que priorizou o estímulo aos indivíduos, a conversa com cada um, além da valorização das suas diferenças e características pessoais.

A teoria aplicada durante a prática dos exercícios que me propus a trazer para a sala de aula foi o método fácil de promoção de uma aula efetiva, uma aula na qual os estudantes participassem com mais entusiasmo e concentração.

Para mim a importância das Artes aliadas aos meios audiovisuais é imensa. Mas devo ter em mente que nem todo mundo pensa assim. A cada dia que passa, dentro do atual cenário político e ideológico que se desenha nacionalmente e mundialmente, as Artes se tornam mais importantes justamente pelo seu viés crítico, seja a partir de intervenções urbanas, no grafite e pixo ou ainda através da Arte política que se desenvolve nas redes sociais. Procurei mostrar aos estudantes a importância que vejo na Arte política dentro deste contexto, mesmo sabendo que as minhas prioridades e a dos estudantes nem sempre estavam em consonância.

O Colégio de Aplicação, é um espaço que me permitiu trabalhar com liberdade e praticamente sem restrições ideológicas. Os estudantes de lá tem bastante acesso à informação e liberdade. Mas, por outro lado, tenho consciência que durante todo o trimestre tive dificuldades em envolver a turma, em despertar reflexões mais profundas e real interesse dos estudantes a partir dos temas do conteúdo programático do meu projeto.

Gostaria de propor, por fim, uma reflexão a respeito da docência como um projeto a longo prazo, um projeto pedagógico direcionado a um conjunto de pessoas com perspectivas e tempos de aprendizagem distintos entre si. Não podemos, seja por vaidade ou pressão social, querer resultados imediatos ou a curto prazo quando tratamos de estudantes, de seres com diferentes trajetórias, oportunidades e capital cultural. Ou quem sabe ainda, contrariando o viés progressista e humanista de nossa formação calcada em teorias de Paulo Freire, Anísio Teixeira entre outros pensadores da educação brasileira, querer homogeneizar ou padronizar os tempos e resultados de aprendizagem de cada um dos diferentes estudantes que nós tivemos a oportunidade de conhecer e conviver. Talvez as aulas aparentemente improdutivas ou mal sucedidas de hoje, impulsionem dúvidas e questionamentos que voltarão à tona mais adiante, valorizando aquelas aulas cuidadosamente preparadas que pareceram passar despercebidas pelos estudantes no presente.

9. REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. **Sobre a Indústria da Cultura**. Coimbra: Angelus Novus, 2003.
- BEHAR, P. A.; BERCHT, M.; LONGHI, M. **Integração do Humor do Aluno no Ambiente Virtual de Aprendizagem ROODA**. In: **Workshop - Escola de Sistemas de Agentes para Ambientes Colaborativos**, 2007, Pelotas. Anais da Escola de Informática. Pelotas: UCPel, 2007.
- BOURDIEU, P. **Sobre a Televisão: seguido de A influência do jornalismo e Os jogos Olímpicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1996.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). **Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid)**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pibid>. Acesso em 01/10/2017.
- COSTA, Ricardo Ferreira. **Libreflix – plataforma de streaming aberta e colaborativa**. Disponível em: <https://news.linuxdescomplicado.com.br/2017/09/libreflix-plataforma-de-streaming-aberta-e-colaborativa/> ACESSO EM: 18 de setembro de 2017.
- GADOTTI, M. **Prefácio: Educação e Ordem Classista**. In: FREIRE, P. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- GERBASE, C. **Cinema: primeiro filme: descobrindo, fazendo, pensando**. Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios, 2012.
- HERNÁNDEZ, F. **A Importância de Saber como os Docentes Aprendem**. Pátio - Revista Pedagógica Nº 4 - fev/abr 1998.
- MOREIRA, T.M.L. **A interpretação da Imagem: subsídios para o ensino de arte**. 1ed. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.
- MORIN, EDGAR, **Os sete saberes necessários à educação do futuro / Edgar Morin** ; ed. São Paulo : Cortez ; Brasília, DF : UNESCO, 2000
- MOURA, EDGAR, **50 anos luz, câmera e ação / Edgar Moura**. 2ª ed. — São Paulo : Editora SENAC São Paulo, 2001.
- ZORDAN/GOMES, Paola. B.M.B. **Mídia, Imaginário de Consumo e Educação Educação e Sociedade**. Campinas, no74, ano XXII, p.191-207, abril- 2001.
- ZORDAN/ GOMES, Paola. B.M.B. **A formação de visualidade, imaginário e estereótipos**. Revista da Fundarte. Montenegro, Fundação Municipal de Artes de Montenegro, vol. 2, no 4, p.32-39, jul/dez, 2002.